



*Joseli Dias*

**MITOS E LENDAS  
DO AMAPÁ**  
EDIÇÃO PÓSTUMA

EDIÇÕES DO  
SENADO FEDERAL

**281**

SENADO FEDERAL



Na Amazônia, onde as pessoas vivem sob o encantamento da floresta e dos rios, alguém sempre tem uma história para contar, vivida por um amigo, vizinho ou pelo próprio contador. Buscando coletar essas histórias, o jornalista e escritor Joseli Dias viveu, durante três anos, em variados lugares do Amapá: vilas, cidadezinhas, serrarias, acampamentos. Em qualquer lugar, aqui e ali, o encontro com o mistério era certo. À noite as conversas eram cada vez mais interessantes e versavam quase sempre sobre as crendices – algo inusitado vivido por alguém –, que eram cuidadosamente anotadas pelo escritor.

As histórias de “Mitos e Lendas do Amapá” já foram adaptadas para teatro, viraram músicas e temas de escolas de samba e também embasaram o roteiro da novela “Mãe do Rio”, com as lendas sobre a Matinta Perera, o Boto e a Mãe do Mato.

Angela Nunes

Este livro vem atender a uma parcela significativa de leitores que antes não dispunham de uma fonte tão completa para pesquisar as lendas mais disseminadas da região. É bastante comum encontrarmos alunos e professores em busca dessas informações, a maioria das quais espalhadas pelas bibliotecas em pastas ou folhetos.

Todos aqueles que tiverem o privilégio de ler este livro terão a grata satisfação de conhecer muitas histórias fascinantes e bem estruturadas. São histórias dos nossos ancestrais que precisavam ser registradas em livros para que as gerações futuras não percam totalmente sua identidade cultural.

Paulo Tarso Barros

# **MiTOS e LENDAS DO AMAPÁ**

## *Mesa Diretora do Senado Federal*

Biênio 2019-2020

Senador Davi Alcolumbre  
*Presidente*

Senador Antonio Anastasia  
*1ª Vice-Presidente*

Senador Lasier Martins  
*2ª Vice-Presidente*

Senador Sérgio Petecão  
*1ª Secretário*

Senador Eduardo Gomes  
*2ª Secretário*

Senador Flávio Bolsonaro  
*3ª Secretário*

Senador Luis Carlos Heinze  
*4ª Secretário*

*Suplentes de Secretário*

Senador Marcos do Val

Senador Jaques Wagner

Senador Weverton

Senadora Leila Barros

## *Conselho Editorial*

Senador Randolfe Rodrigues  
*Presidente*

Esther Bemerguy de Albuquerque  
*Vice-Presidente*

## *Conselheiros*

Alcinéa Cavalcante  
Aldrin Moura de Figueiredo  
Ana Luísa Escorel de Moraes  
Ana Maria Martins Machado  
Carlos Ricardo Caichiolo  
Cid de Queiroz Benjamin  
Cristovam Ricardo Cavalcanti Buarque  
Elisa Lucinda dos Campos Gomes  
Fabrício Ferrão Araújo

Ilana Feldman Marzochi  
Ilana Trombka  
João Batista Gomes Filho  
Ladislau Dowbor  
Márcia Abrahão Moura  
Rita Gomes do Nascimento  
Vanderlei dos Santos Catalão  
Toni Carlos Pereira

EDIÇÕES DO  
SENADO FEDERAL

JOSELI DIAS

# MITOS e LENDAS DO AMAPÁ

4ª Edição  
Volume - 281

Brasília - 2020

SENADO FEDERAL



Copyright by JOSELI PEREIRA DIAS

Joseli Pereira Dias  
Rua Randolfo de Souza Gato, 1076  
Marabaixo II-Macapá/AP

#### FICHA TÉCNICA

Capa: Melissa Nunes  
Ilustrações: Honorato Júnior  
Formatação e Arte-final: Melissa Nunes  
Revisão: Angela Nunes

ISBN: 978-65-5676-044-5

Dias, Joseli.

Mitos e lendas no Amapá / Joseli Dias. – 4. ed. -- Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2020.

115 p. : il. -- (Edições do Senado Federal ; v. 281)

1. Folclore, Amapá. 2. Lenda, Amapá. 3. Literatura folclórica, Amapá. I. Título. II. Série.

CDD 398.2098116

## OS “CAUSOS” DE JOSELI DIAS

O ofício de jornalista de Joseli Dias deu-lhe a agilidade de lidar com as palavras. A objetividade e clareza são características presentes em todos os seus textos. As narrativas das lendas e dos “causos” desta região, reunidas no livro *Mitos e Lendas do Amapá*, se constituem em um trabalho de suma importância para todos nós, que valorizamos os elementos mais puros e autênticos da nossa cultura popular.

Este livro vem atender a uma parcela significativa de leitores que antes não dispunham de uma fonte tão completa para pesquisar as lendas mais disseminadas da região. É bastante comum encontrarmos alunos e professores em busca dessas informações, a maioria delas espalhadas pelas bibliotecas em pastas ou folhetos.

Confesso que as histórias contadas por Joseli Dias prenderam minha atenção. Muitas dessas lendas me eram totalmente desconhecidas, até que entrei em contato com os originais da obra que o autor teve a gentileza de confiar a mim. Por isso, acho que todos aqueles que tiverem o privilégio de ler este livro terão a grata satisfação de conhecer muitas histórias fascinantes e bem estruturadas. São histórias dos nossos ancestrais que precisavam ser registradas em livros para que as gerações futuras não percam totalmente sua identidade cultural.

Está de parabéns o escritor e jornalista Joseli Dias por ter realizado esta pesquisa e desenvolvido um trabalho tão relevante para a cultura amapaense.

Paulo Tarso Barros  
*Presidente da Associação Amapaense de Escritores*



## APRESENTAÇÃO DA 3ª EDIÇÃO

O mundo místico desperta reações latentes no inconsciente coletivo da humanidade. Acontecimentos inexplicáveis encontram justificativas nas lendas. Na Amazônia, onde as pessoas vivem sob o encantamento da floresta e dos rios, alguém sempre tem uma história para contar, vivida por um amigo, vizinho ou pelo próprio contador. Buscando coletar essas histórias, o jornalista e escritor Joseli Dias viveu, durante três anos, em variados lugares do Amapá: vilas, cidadezinhas, serrarias, acampamentos. Em qualquer lugar, aqui e ali, o encontro com o mistério era certo. À noite as conversas eram cada vez mais interessantes e versavam quase sempre sobre as crendices – algo inusitado vivido por alguém – e que eram cuidadosamente anotadas pelo escritor.

O livro foi uma consequência natural e o sucesso junto ao público, especialmente infanto-juvenil, destaca Joseli Dias como o contista mais lido em todo o estado.

As histórias de *Mitos e Lendas do Amapá* já foram adaptadas para teatro, viraram músicas e temas de escolas de samba e também embasaram o roteiro da novela *Mãe do Rio*, com as lendas sobre a Matinta Perera, o Boto e a Mãe do Mato.

A terceira edição surge a pedido do público – e está aí para o deleite de todos – e para os aplausos e agradecimentos a Joseli Dias, por essa obra imprescindível à literatura amazônica.

Angela Nunes  
*Escritora, Produtora Cultural*  
*Professora de Literatura e Língua Portuguesa*



## *PREFÁCIO*

A obra **Mitos e Lendas do Amapá** foi concebida por JOSELI PEREIRA DIAS e é considerada a mais importante literatura de contos sobre o folclore do estado do Amapá, tornando seu estudo obrigatório na rede pública Estadual.

**Joseli Pereira Dias**, falecido em 8 de agosto de 2018, foi um premiadíssimo escritor, jornalista e poeta. Nasceu em Macapá, no dia 24 de março de 1966. Como jornalista desde 1984, exerceu a função de repórter e editor. Como um ativista cultural foi agraciado com a comenda de Honra ao Mérito pelo Movimento Artístico Popular (MOAP – 1988) e atuou em diversos jornais impressos, revistas e até emissora de TV. Ele também atuou em diversos segmentos de artes, destacando-se na literatura “Mitos e Lendas do Amapá” (prosa-1998), nas artes cênicas a novela “Mãe do Rio” (Novela-2005 - co-autor com Gilvam Borges e Ângela Nunes), na música a “Matinta Perêra” (música-2005 - com Osmar Júnior), e ainda em cordel a “Coleção Amapá Cordel” (2013). Em homenagem ao escritor que em vida residia com sua esposa Ângela Nunes na intocada Praia do Goiabal (Calçoene-AP), a Assembleia Legislativa do estado do Amapá aprovou o nome de “Joseli Dias” para designar o principal ramal para acesso à referida praia. E, ainda, para a nossa satisfação, entre as várias obras escritas e publicadas pelo escritor, destaco: “MARABAIXO – A cultura de um povo”; “MÃE LUZIA”; e “SACACA – O Mestre das plantas e rei do carnaval”, que tenho carinho especial por homenagear meu saudoso Pai, que nos deixou em 1999.

A obra “**Mitos e Lendas do Amapá**” cumpre com a difícil missão de transmitir às futuras gerações a identidade cultural do povo Tucuju, sendo imprescindível à realização de esforços para

a sua devida preservação. Como as manifestações do folclore costumam dar-se por meio de **mitos, lendas, canções, danças, artesanatos, festas populares, brincadeiras, jogos** etc., o folclore é parte integrante da cultura de um povo, e, por isso, é considerado pela Unesco como **Patrimônio Cultural Imaterial**. Nesse sentido, fiquei emocionado quando, no dia 16.6.2020 - Dia do Marabaixo no estado do Amapá recebi a ligação do nobre amigo Lucas Abrahão Assis de Almeida para me informar que o “Conselho Editorial” do Senado Federal do Brasil havia aprovado a **reedição** do livro “Mitos e Lendas do Amapá”, do autor Joseli Dias. A mim, é uma imensa honra representar meus colegas advogados e ativistas culturais em nosso estado prefaciando tão importante obra.

Nossa relação com o livro “Mitos e Lendas do Amapá” começou pela dificuldade que teve a advogada e ativista cultural em nosso estado, Dra. Kennya Abraão Monassa de Almeida, em encontrar um exemplar da obra. Assim, a advogada Kennya Monassa entrou em contato com a viúva do autor, qual seja, a Professora Ângela Nunes, que passou a lhe relatar a falta de apoio financeiro para editar e republicar a **Magnum opus** de seu falecido esposo. Diante do problema, a Dra. Kennya Monassa solicitou ajuda à “ComCult-OAB/AP - Comissão Especial da Cultura da Ordem dos Advogados do Brasil-Secção do Amapá” na qual sou o atual Presidente, e, assim, procedemos com Requerimento ao “Conselho Editorial” do Senado Federal (Brasília-DF) para que, diante da importância à Cultura Amapaense, aprovasse a reimpressão da obra sem ônus para a família do autor.

Faço aqui o registro dos que lutaram lado a lado conosco para ver republicação de tão importante obra: as advogadas e membros da ComCult OAB/AP - Dra. Gésica Brito, Dra. Michelle Braz, Dra. Elliane Gomes, e Dra Kennya Monassa, a qual é membro honorária da Comissão, pessoas estas que paralelamente a sua profissão vêm desenvolvendo a defesa do patrimônio histórico e cultural do estado do Amapá e que se dispuseram e foram à luta para ver a obra republicada e distribuída à comunidade amapaense.

Hoje, o sonho virou realidade! Deus colocou anjos no nosso caminho...

Agradeço ao Sr. Lucas Abrahão pelo apoio e direcionamento, assim como ao professor Charles Chelalla e em especial ao Senador Randolfe Rodrigues, que não mede esforços em perpetuar a cultura amapaense.

Por fim, desejo uma ótima viagem nas páginas desta relevante obra Tucuju.

Nossas homenagens ao professor, poeta, escritor e jornalista Joseli Pereira Dias.

Macapá, AP, 19 de junho de 2020.

JOSÉ ANTONIO DA SILVA SOUSA

Advogado, Pós-graduado em Direito Processual Civil, exercendo atualmente o cargo de presidente da Comissão Especial da Cultura, membro das Comissões de Direito Marítimo e Comissão da Verdade sobre a Escravidão do Amapá da OAB-AP.



## SUMÁRIO

OS “CAUSOS” DE JOSELI DIAS .....	5
APRESENTAÇÃO DA 3ª EDIÇÃO .....	7
PREFÁCIO .....	9
APRESENTAÇÃO .....	15
APRESENTAÇÃO .....	17
A COBRA SOFIA .....	21
A LENDA DA BACABA .....	23
O MENINO DOS MILAGRES.....	27
O NEGRO DO RIOZINHO .....	30
O CAÇADOR DE MATINTAS.....	34
O PORQUÊ .....	37
O VAGALUME .....	39
BATE-PEDRAS.....	42
A BENZEDEIRA DE DEUS .....	44
O CAPETA MULTIPLICADOR.....	46
O COMPRADOR DE CHUVAS.....	49
A LENDA DO MANGANÊS .....	53
A PEDRA MISTERIOSA .....	56
BECO DO AMOR.....	59
A VELHA SEBASTIANA.....	62
LAGO AZUL.....	65
A MULHER QUE VIA O CAPETA.....	68
JOÃO SEM PERNAS .....	72

A FAMÍLIA DO BOTO TUCUXI .....	76
O TAMBOR DO CURIAÚ .....	79
ORAÇÃO DAS GRÁVIDAS.....	83
O CÓRREGO ENCANTADO.....	86
O CORDEIRO IMOLADO.....	90
A PEDRA DO GUINDASTE.....	94
A MORTE DE MAZAGÃO: MALDIÇÃO SACERDOTAL .....	97
O PEIXE-BOI.....	100
A LENDA DA POROROCA .....	102
A LENDA DO RIO OIAPOQUE.....	104
A LENDA DO TARUMÃ.....	107
MEU MUITO OBRIGADO.....	109
AGRADECIMENTOS DA 4ª EDIÇÃO .....	111
JOSELI DIAS: jornalista, poeta, escritor .....	113

## APRESENTAÇÃO

*Mitos e Lendas do Amapá* não tem a pretensão de tornar-se uma fonte de consulta sobre o folclore da terra, mesmo porque não havia qualquer intenção de publicar um livro quando comecei a escrever.

É, antes de tudo, uma maneira de amenizar a saudade que sinto dos rios, dos igarapés, das serrarias, das casas de farinha, e dos “causos” contados entre uma e outra talagadas de pinga. É a forma que encontrei para agradecer a hospitalidade, o carinho e o respeito que recebi dessa gente humilde, que tanto me cativou em minhas andanças.

O Amapá é rico em folclore, principalmente no que se refere a lendas. Como jornalista, cumpro minha função de trazer a público alguns desses “causos” que aprendi e gostaria de contar a outras pessoas. Nada de palavras difíceis, mas pura e simplesmente histórias, com a simplicidade, o cheiro do mato e a humildade do caboclo amapaense.

*Joseli Dias*



## APRESENTAÇÃO

*Mitos e Lendas do Amapá* surgiu da necessidade do então estudante Joseli Dias em realizar um trabalho escolar: uma lenda do Amapá. Joseli, célere, foi a biblioteca pública – e não encontrou nada, nem uma linha sequer!

Procurou com pessoas que tinham livros, mas lendas do Amapá: nada! As pessoas que sabiam alguma coisa diziam a ele: “Ah, isto é só estória, rapaz! deixa disso.” Curioso, soube que em alguns lugares no interior do estado, as “coisas” aconteciam mesmo! Resolveu, então sozinho “catar as histórias”. Pensava ir e voltar em uma semana: ficou por lá 3 anos (dos 17 anos aos 20!) Assim que chegou ao Corre-Água ofereceram a ele emprego em uma serraria, pois era em dos raros que sabia ler, escrever e fazer contas. Entusiasmado um ter o próprio dinheiro, aceitou. Ganhar seu dinheiro e ouvir as estórias que os homens contavam ao pé da fogueira deslumbraram o jovem. Quando voltava ao alojamento, fazia suas anotações: nome, local e o ocorrido. Era cada estória de arrepiar (a intenção não era escrever um livro, ele nem imaginava que isso o identificaria como o autor de sucesso de *Mitos e Lendas do Amapá*). Em três anos, trabalhou em várias localidades no interior do estado, sempre em serrarias. Trabalhou além de Corre-Água, em Riozinho, Vila de Ponta Grossa, Amapari, Serra do Navio, Vila do Catanzal, Tartarugalzinho, Mazagão, Oiapoque, Calçoene (locais em que era bem-vindo), respeitado por saber ler e escrever – ganhava seu dinheiro e a noite... ah, a noite, ouvia as estórias fantásticas que os contadores diziam ter vivido...

Era o início dos anos 80 e ele, vindo a Macapá ver os familiares foi convidado a trabalhar em um jornal, como repórter. Começou

aí sua carreira de jornalista. As anotações das estórias trouxe consigo – e a paixão pelo mundo fantástico estava para sempre impregnada em sua alma.

Escrevia poemas e logo fazia parte de um grupo de poetas que gostavam de escrever – e assim lançou seu primeiro livro *Vitrais* em 1997. Jornalista, sabia que tinha em mãos um tesouro: as lendas, estórias e causos que descobriu nas conversas ao pé da fogueira... Montou o livro – e partiu em busca de patrocínio para o editar. Conseguiu! Em 21 de agosto de 1998, na Biblioteca Pública Elcy Lacerda fez o lançamento, em grande estilo, do livro *Mitos e Lendas do Amapá*.

Com a terceira edição esgotada, a grande procura pela obra, especialmente pelos jovens, incentivou a publicação desta 4ª edição – um tributo a ele, que nos deixou no 8/8/18 – e um presente à classe estudantil amapaense e a todos que admiram este grande escritor.

Uma semana antes de sua partida, Joseli voltou mais cedo para casa visivelmente emocionado. Pegou minha mão e começamos a andar pelo sítio. Depois sentamos no pátio e ele começou a contar que agora tinha certeza de ter feito algo bom ao criar o livro *Mitos e Lendas do Amapá*. E explicou: Estava na lojinha, sozinho, quando entrou um garoto de uns dez anos de idade e perguntou se tinha xerox, pois precisava de uma cópia de algo importante. Eu disse que tinha, e ele tirou de dentro de um saco plástico, que trazia debaixo do braço, um exemplar do livro *Mitos e Lendas do Amapá*. Disse que era para um trabalho da escola e queria a cópia da lenda do boto. Perguntei se ele sabia quem tinha escrito o livro ele disse: “Foi um cara muito importante, Joseli Dias”, eu me apresentei a ele, que me olhou bem e disse: “Não acredito, a foto do livro não parece com o senhor”.

Eu insisti e ele pediu minha carteira de identidade. Mostrei a ele que olhou bem, viu o nome, deu um grito, me deu um grande abraço e disse: “É verdade, é o senhor mesmo! obrigado por ter escrito este livro. Fez eu gostar de ler!”

Joseli falou que a emoção tomou conta dele, tirou a cópia integral do livro e o entregou ao garoto, que se foi feliz da vida.

Este fato ilustra a importância deste livro para muitas gerações e, graças a Deus, Joseli viveu este momento.

*Angela Nunes*

*Escritora, professora e esposa de Joseli Dias*



*O boto tucuxi apaixonou-se pela indiazinha, possuindo-a através de um encantamento.*

## **A COBRA SOFIA**

Há muito tempo, em uma ilha próxima à ilha de Santana, vivia Icorã, uma índia de olhos cor de mel e muito linda. A beleza da índia, incomparável entre todas as mulheres da tribo, transformava em suplício sua felicidade. É que pela formosura Icorã era cortejada pelos bravos, ao mesmo tempo em que estava destinada ao deus Tupã quando estivesse em idade apropriada. Prisioneira de sua beleza, a indiazinha vivia muito triste, raras vezes deixando a oca. Quando o fazia era dirigir-se até a beira de um grande lago, à noite, para contar à Lua seu sofrimento.

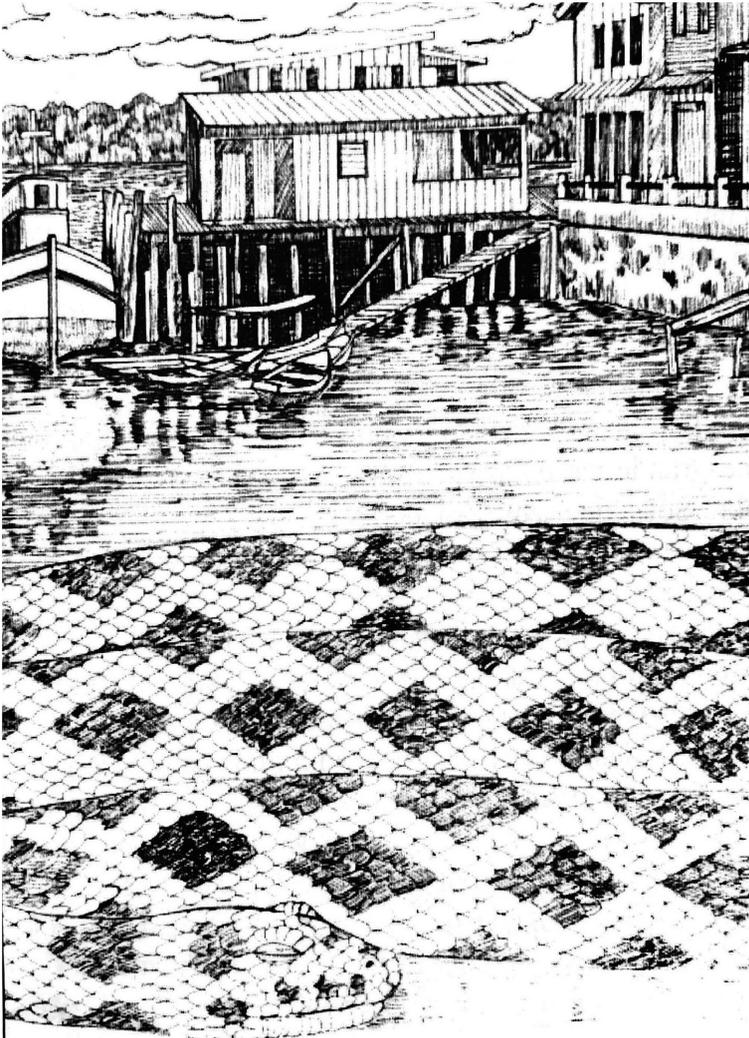
Certa noite, enquanto banhava-se ao luar, Icorã foi avistada pelo boto Tucuxi, que perdeu-se de amores por ela. Transformando-se em um cisne, Tucuxi aproximou-se da indiazinha, possuindo-a através de um encantamento. Meses depois Icorã sentiu a prenhez em suas entranhas e só então descobriu que aquele cisne lindo com quem brincara no lago era na verdade um boto.

Mortificada de remorso, Icorã embrenhou-se nas matas, permanecendo longe de tudo e de todos para ter a criança. Quando as dores vieram e a indiazinha teve seu rebento, deu-lhe o nome de Sofia e atirou a criança no lago, na esperança que esta se afogasse e ninguém tomasse conhecimento de seu pecado. Depois retornou a aldeia como se nada tivesse acontecido.

O boto Tucuxi, arrependido do que fez, transformou a criança em uma cobra d'água, evitando assim sua morte. Muito tempo se passou e certo dia, quando Icorã encontrava-se à beira do grande lago, sentiu as águas se revolverem e viu quando uma cobra imen-

sa, de estranhos olhos cor de mel, deixou seu refúgio. Era a cobra Sofia, que procurava águas profundas para acomodar-se. Os sulcos deixados durante o trajeto, dizem as lendas, formaram o Rio Matapi.

Sofia, acreditam os mais antigos, parou para descansar onde hoje fica localizado o porto da Icomi. Há alguns anos uma grande parte da plataforma desabou. Dizem que foi a cobra Sofia que moveu-se durante o sono.



*Os povos indígenas da Serra do Tumucumaque acreditam que essa frutinha escura foi um presente de Tupã ao chefe de uma tribo, cujo filho, valente guerreiro, morreu em combate.*

## **A LENDA DA BACABA**

Conta a lenda que na Serra do Tumucumaque existia a tribo dos Badulaques, pequena e fraca, sem muitos guerreiros e cujo chefe, cacique Carnaúba, preferia viver em paz sem invadir as terras de outras tribos. Era considerada uma tribo sem valor e por isso vivia às margens do Grande Conselho.

Um dia a desgraça se abateu sobre todas as tribos da serra. Poucos se lembram da grande batalha travada entre o deus Tupã e Catamã, a entidade do mal, na qual diziam os anciãos, tinha sido devastada uma grande área além da Serra do Tumucumaque. A luta entre o bem e o mal durara muitas luas até que Tupã, usando de toda sua magia, conseguiu aprisionar a entidade no topo da serra, por um período de cem anos.

Diziam ainda os anciãos que depois desse tempo a guerra, a fome e a doença atingiriam as tribos, prenunciando a volta de Catamã, que tentaria reerguer seus domínios por toda a terra, mas que um guerreiro, nascido em tribo pequena, se sobressairia dentre todos os seus irmãos em caçadas e lutas, podendo vencer o mal e lançá-lo novamente à sua prisão. Os prenúncios da desgraça chegariam quando Catamã já tivesse cumprido três terços de seu exílio, e assim ocorreu.

Primeiro uma grande doença se abateu sobre as tribos. O mal atacava principalmente os pés e as mãos, impossibilitando os guerreiros, assim como mulheres e crianças, de se locomoverem. Logo

não puderam mais segurar o arco e a flecha para caçar e centenas morreram de fome.

Cinco luas se passaram até o mal desaparecer por completo. Os sobreviventes choraram seus mortos, reunindo-se ao redor das fogueiras, pintando o corpo com sumo de jenipapo e clamando ao deus Tupã que lhes fizesse visível o inimigo, para assim poderem combatê-lo.

Depois vieram as guerras. Tribo contra tribo, as mortes se sucedendo e as nações indígenas enfraquecendo cada vez mais. Na época também a tribo dos Badulaques foi atingida e mulheres morreram. Tarirã, uma das esposas do cacique Carnaúba, estava grávida de muitas luas e ele temia que ela fosse atingida pelas pragas ou morta pelas lanças dos guerreiros inimigos. Naquela noite Tupã foi até ele em sonho e disse-lhe:

– Teu filho será um bravo, irá se sobrepor a todos os guerreiros e se chamará Bacabá. Somente ele poderá salvar a nação do mal e destruir para sempre a encarnação da perversidade.

Por três noites os membros da tribo dançaram, agradecendo a dádiva de Tupã. Duas luas depois nasceu o menino, que quando cresceu foi treinado nas mais diversas práticas de combate, assimilando com incrível facilidade os ensinamentos dos pajés e anciãos. Manejava o arco e a flecha como se tivesse nascido para caçar. Sua grande vitória foi quando o conselho o designou chefe de todas as nações.

As maldições de Catamã continuavam. Naquela noite o perverso feiticeiro apareceu na forma de lobo, entrando na tenda do chefe e matando Tarirã, que já se encontrava em idade avançada. Pela manhã o corpo da índia foi encontrado dilacerado e Bacabá entoou seu canto de morte, que atravessou os vales. Estava iniciando o confronto.

Pela manhã Bacabá reuniu-se com o Grande Conselho, anunciando que iria enfrentar Catamã no topo da serra. O pajé, tocado pelo deus Tupã, deu-lhe um saquinho de couro contendo a mistura de muitas ervas, que deveria ser jogada no olho da divindade, tornando-a cega.



Depois de despedir-se de seus irmãos de sangue, Bacabá armou-se de uma lança, arco e seus apetrechos de guerra, saindo rumo à serra. Quando alcançou o topo, a figura de um imenso lobo atravessou-lhe a frente. A fera, com os olhos injetados de sangue, investiu contra o índio, iniciando a batalha. Embaixo, milhares de guerreiros assistiam a tudo. Tupã proveu Bacabá de poderes para fazer frente à divindade do mal e o local da batalha transformou-se em uma imensa clareira, tal a ferocidade da luta.

Durante duas noites o confronto prosseguiu e depois o silêncio foi total. Os guerreiros, temerosos, esperavam que o vencedor se manifestasse. O silêncio, no entanto, reinava no cume da Serra do Tumucumaque.

O cacique Carnaúba reuniu seus bravos e subiu à serra, seguindo os rastros de destruição, até que sobre um amontoado de pedras encontraram um imenso lobo, com os olhos arrancados e uma lança cravada no peito. A seu lado o corpo do guerreiro, dilacerado pelas garras do monstro. Bacabá venceu, mas a façanha lhe custou a vida. Seu corpo foi sepultado ao lado da mãe, em um cortejo que reuniu milhares de guerreiros, todos lhe prestando a derradeira homenagem.

Muitas luas se passaram até que cacique Carnaúba, sentindo a perda do filho, foi vê-lo. No local onde tinha sido sepultado, havia, por benevolência e homenagem de Tupã ao mais bravo guerreiro da face da terra, uma palmeira solitária, de espique anelado, folhas em forma de lanças, da qual sobressaiam-se flores de cor branca e amarela – e frutos pequenos avermelhado-escuros, dos quais se fez vinho, que foi chamado de bacaba. De seu caule, forte como os braços do guerreiro, ainda hoje são feitos lanças e arcos que, dizem as lendas, serem abençoados por Tupã.

*Como paga pelas graças alcançadas, os beneficiados não acendem velas e nem podem propagar absolutamente nada sobre o fato.*

## **O MENINO DOS MILAGRES**

Existe na localidade do Corre-Água, interior do município de Macapá, a lenda de um garoto que por muito tempo, e mesmo nos dias de hoje, é considerado como santo. O garoto faz milagres, e segundo os moradores do local, já deu prosperidade e curou diversos males, doenças consideradas até mesmo irreversíveis pelos médicos.

Fala-se na localidade, que todas as pessoas atormentadas por problemas recorrem a ele e logo são agraciadas com milagres. O interessante é que como paga pelas graças alcançadas, os beneficiados não podem propagar absolutamente nada sobre o menino dos milagres.

Conta-se que o menino se chamava Pedrinho e era filho caçula de um casal de lenhadores, família humilde, que vivia parcialmente afastada de todos, em uma área onde existe agora a vila de Catanzal. Seu principal meio de sobrevivência era a fabricação de carvão, vendido a moradores de outras vilas. Esmagados pela miséria, mesmo assim eram pessoas boas, que dividiam de bom grado o que tinham com alguns ainda mais desgraçados que eles.

Pedro Cândido, o lenhador, passava dias no mato, com seu machado, derrubando árvores para transformar em carvão. O garoto sempre estava em sua companhia e procurava ajudá-lo, mas sua formação franzina não permitia.

Certo dia Pedro Cândido amolava o machado e arrumava suas ferramentas costumeiras para mais um dia de serviço quando Pedrinho, que também havia despertado muito cedo, chegou a ele,

naquele gesto carinhoso de filho, e pediu-lhe que quando fosse à floresta tomasse cuidado ao passar pelo riacho, pois havia uma mulher que o atrairia para si e ele nunca mais o veria. Estranhando o pedido, o lenhador indagou ao filho de onde ele teria tirado aquela ideia. Pedrinho, em sua inocência, disse-lhe que havia sonhado, mas novamente implorou para o pai evitar aproximar-se do riacho. Não que fosse medroso, mas por amor ao filho, o lenhador prometeu. Ocorreu que estando muito atarefado, Pedro Cândido terminou por esquecer o fato. No retorno para casa, parou no riacho para tomar água. Quando lembrou-se das palavras do filho já era tarde. Uma mulher muito linda, vestida de branco, cabelos longos e negros, apareceu à sua frente. Surpreso, mas encantado com tanta beleza, o lenhador deixou-se levar pela mulher, até desaparecer floresta a dentro.



Pedrinho esperava pelo pai. Passaram-se três dias, o lenhador não apareceu e ele voltou a sonhar. Viu um horizonte lindo, um céu resplandecente. No centro de tudo estava seu pai, que chorava de saudade. Pela manhã do dia seguinte, pediu a benção da mãe e disse que logo o pai voltaria, mas ele que o tinha avisado, teria que encontrar seu destino e somente depois disso retornaria ao seio da família.

Conta ainda a lenda que, por um misterioso encanto, Pedro Cândido apareceu naquela mesma noite à porta de sua casa. Estava muito magro, com o rosto marcado por sofrimentos e não lembrava do que tinha acontecido com ele.

De Pedrinho ninguém teve notícias e logo se formou a história do menino que previu, através de sonhos, as atribulações do pai.

De início a população ribeirinha falava de bruxaria, até que meses depois o caso foi esquecido. Certo dia uma viúva, estando em má situação financeira, recorreu a Pedrinho e este lhe apareceu em sonhos, prometendo ajudá-la, mas advertindo-a que se comentasse o fato com alguém, suas atribulações se multiplicariam e ele estaria condenado ao exílio por um século.

Não se sabe ao certo quem se arriscou a contar a história ou mesmo a inventou, mas logo toda a comunidade sabia do caso. As pessoas que passavam por quaisquer dificuldades, recorriam logo ao Menino dos Milagres. Se a lenda estiver certa, estarei cometendo sacrilégio ao contar esta história. E o Menino dos Milagres condenado a mais um século de exílio.

*Quando um pescador adormece na beira do igarapé, acorda com a rede cheia de peixes. É Terêncio tentando se libertar do feitiço.*

## **O NEGRO DO RIOZINHO**

Às margens do Riozinho, na vila de Ponta Grossa, interior do Amapá, morava o pescador Fernando Terêncio. Sua tapera era pequena e ali residia com seus cinco filhos e a esposa Ana Maria, grávida de mais um.

Terêncio saía pela manhã para a beira do Riozinho, onde lançava a malhadeira e garantia o sustento de todos os dias. Era janeiro e as chuvas fortes, somadas com o timbó, lançado por pescadores desonestos, faziam com que os peixes ficassem cada vez mais escassos e era raro quando conseguia algum de bom porte.

Naquele dia Terêncio madrugou. Ainda não era três horas da manhã quando apanhou a rede, um cantil com água, a habitual garrafinha de cachaça, o rolo de tabaco e saiu para a beira do Riozinho com a intenção de tapar um igarapé ali perto, onde achava que ainda poderia conseguir alguns peixes. O cansaço de muitos dias, a desnutrição e alguns goles a mais de cachaça, fizeram com que adormecesse. Acordou quase as sete horas, assustado e sentindo a presença de alguém por perto. Ao olhar para os lados, no entanto, não viu nada. Sua surpresa maior foi perceber que o igarapé tinha sido tapado exatamente como pretendia fazer, e com sua própria rede.

Terêncio achou que havia bebido demais e feito o trabalho sem perceber. Assim, sem mais delongas, puxou a rede, pesada devido a grande quantidade de peixes apanhados. O egoísmo não existia em sua alma bondosa e o pescador dividiu com os outros moradores em situação igual a dele. Por dois dias Terêncio não

trabalhou, e no terceiro, madrugando novamente, foi para a beira de um córrego. Bebeu de propósito, achando que o faria pegar mais peixes, porém tudo o que conseguiu foram alguns tamuatás, que não deram para o almoço. O pescador lembrou-se então do igarapé e preparou-se para o dia seguinte. Mal amanheceu e lá estava ele no braço do Riozinho com sua rede de pesca e apetrechos. Em poucos minutos sentiu-se cansado e adormeceu. Despertou com a mesma sensação de dias atrás, porém uma surpresa ainda maior lhe aguardava. Um negro de braços fortes e olhar tranquilo arrumava cuidadosamente dezenas de peixes às margens do igarapé. Assustado, o pescador pensou em correr, mas suas pernas tremiam e quase não o sustentavam. A única coisa a fazer era esperar.



Depois de arrumar os peixes, o Negro do Riozinho, como ficaria conhecido, virou-se e seguiu para a floresta. Antes de alcançar um caminho até então nunca visto pelo pescador, este o chamou. O negro estacou, virando-se lentamente, enquanto Terêncio, reunindo toda a sua coragem, perguntou:

– Quem é você, que me ajuda sem dizer o motivo?

– Eu – disse o negro – só existo para você, homem bom e humilde, que pode salvar-me. Eu era avarento e morri por minha fortuna. Se fores corajoso te farei um homem rico, enquanto tu me livrarás de um peso que trago por toda a eternidade. Jamais me será dada a paz se eu não me livrar dessa imensa fortuna que deixei enterrada.

Como Terêncio não entendia, ele voltou a explicar:

– Amanhã, muito antes do Sol nascer, volte a este igarapé. Armado você deve estar com um terçado banhado em leite de mulher, um copo de cachaça e um punhado de manjericão. Exatamente às três horas da manhã, não esqueça este detalhe, você verá as águas ficarem turvas, depois formarem redemoinhos. Serei eu tentando me salvar. Quando isso acontecer, apanhe o terçado banhado em leite e corte as águas. Por mais que escute lamentos, você deve fechar os ouvidos e jogar um punhado de manjericão e cachaça no meio do redemoinho. Não fique assustado, porque você estará ferindo as forças do mal. Agora vá e não conte a ninguém, caso contrário o meu encantamento se prolongará por mais três décadas.

Só então o pescador Terêncio despertou completamente. Achou que tivesse sonhado, mas os peixes empilhados à beira do igarapé afirmavam o contrário. Ele foi pra casa e novamente dividiu os peixes com o vizinhos. Depois procurou a mulher e pediu-lhe leite de peito. Esta o cobriu de tantas perguntas, que ele esqueceu a promessa feita ao Negro do Riozinho, contando-lhe a aventura que passaria naquela noite.

Por mais que tentasse, Terêncio não conseguiu dormir. Na hora marcada, dirigiu-se à beira do Riozinho, onde segundos de-

pois as águas ficaram turvas, em vermelhidão de sangue. Sem entender nada, o pescador cortou a maresia com o terçado. O choque que recebeu foi tão violento, que Terêncio ficou semi-inconsciente, desperto o bastante apenas para ouvir a voz do negro:

– Maldito, por contares à tua mulher me condenastes a muitos anos de exílio e sofrimento. Como castigo participarás de minha sina e nunca mais voltarás ao teu lar.

Dias depois o corpo do pescador foi encontrado à beira do Riozinho, por moradores da vila que o procuravam. Dizem que até hoje, quando alguém vai à beira do igarapé para pescar, adormece e acorda com a rede cheia de peixes. É Terêncio, que todos os dias, na sua esperança infinita, tenta livrar-se do feitiço lançado contra ele pelo Negro do Riozinho.

*A Matinta é uma velha feiticeira, mas muito velha mesmo, que à noite se transforma em coruja e sai para atormentar o espírito das pessoas.*

## O CAÇADOR DE MATINTAS

Quando às horas mortas da noite Florêncio ouvia o pio da Matinta Perera, agourento e causador de má sorte, pensava no porquê de existir maldade neste mundo. Enquanto o criador colocava o perfume nas flores, os peixes do mar e o cheiro de mato nos dias de chuva, abençoando a todos com sua luz, força ocultas criavam assombrações, fantasmas e espíritos para tumultuar o processo.

Florêncio não tinha medo da Matinta Perera. Aliás, não ter medo não era bem o termo. Ele respeitava o espírito da floresta por saber que não havia como lidar com ele, mas seu inconformismo com as coisas do mundo o estava levando a perguntar aos mais velhos e experientes se alguém já havia visto aquele bicho agourento que preenchia seus pensamentos durante todo o tempo.

– É claro que eu sei como é a Matinta Perera – disse um comerciante da vila do Cantazal, onde Florêncio morava. A Matinta é uma velha feiticeira, mas muito velha mesmo, que à noite se transforma em coruja e sai para atormentar o espírito das pessoas. A Matinta, dependendo da necessidade, pode também virar porco, cachorro ou qualquer outro animal, principalmente quando está sendo caçada. Daí fica difícil encontrá-la.

Florêncio meditou sobre o assunto. Se a Matinta podia ser caçada é porque havia algum jeito de descobrir sua identidade. Com esse pensamento, foi se informar com sua mãe, de idade muito avançada, frequentadora assídua das missas dominicais.

A mulher, no entanto, nada falou de importante, relacionando apenas o número de velhos existentes na ilha: oito ao todo. Um



deles, com certeza, seria Matinta, que nas noites escuras com seus pios e assobios sinistros, fazia arrepiar os cabelos até dos mais corajosos.

Há meses o lavrador vinha matutando um jeito de combater aquele mal. Tanto era seu empenho que seus amigos e conhecidos já o chamavam até de “caçador de matintas”, apelido que ele recebia com orgulho e cada vez mais se empenhava em procurar as pessoas certas, que lhe ensinassem oração ou mandinga que pudesse neutralizar a feitiçaria da Matinta e transformá-la em uma pessoa comum. Quando este dia chegasse ele certamente seria aclamado como herói na Vila do Catanzal.

Quando falava isso para a sua mãe, a velha pedia para ele ir à igreja rezar e deixar aquelas tolices de lado. Chegou mesmo a implorar, mas o “caçador de matintas” estava irredutível. Um dia, em

conversa com um conhecido seu, este lhe explicou que se alguém esperasse o momento em que a Matinta iniciasse seus assobios sinistros e gritasse para que no dia seguinte fosse buscar com ele um pedaço de tabaco de rolo, teria a entidade nas mãos. É que a primeira pessoa a aparecer no outro dia para pedir fumo fatalmente seria a Matinta. Assim ficaria fácil conhecer sua identidade.

Florêncio exultou com a descoberta. Eufórico, contou à mãe que naquela mesma noite iria para a beira do mato esperar o assobio da Matinta e pôr em prática o seu plano. Mais uma vez a mulher implorou, chorou e arrastou-se a seus pés, pedindo para que ele não arriscasse, mas Florêncio continuou irredutível.

Quando a noite desceu, o “caçador de matintas” já estava no matão, os olhos abertos na escuridão e os ouvidos atentos. Não demorou muito e começou a ouvir o assobio da Matinta, medonho. Rapidamente Florêncio gritou:

– Matinta Perera, vai buscar tabaco lá em casa amanhã! Imediatamente o assobio cessou e ouviu-se o barulho de asas.

Florêncio soube que a Matinta havia lhe escutado e correu para a vila. Exultante convidou todos os moradores a estarem, na manhã do dia seguinte, à porta de sua casa para desmascarar o bicho, que vinha infernizando a vila há anos. Naquela noite não conseguiu dormir. Preparava-se para receber os elogios por tão grande façanha e imaginava como seria a Matinta Perera. Com certeza uma velha muito feia, com nariz adunco, cheia de verrugas, o corpo esquelético, como os personagens das histórias de bruxas que estavam acostumados a ouvir. Seria sua glória acusá-la de feitiçaria, espezinhá-la diante do povo, que depois o carregaria em triunfo, transformando-o no mais corajoso dos heróis.

Quando o sol chegou o povo já estava aglomerado e impaciente, mas ele pediu silêncio e foi de imediato atendido. Lá pelas sete da manhã um vulto surgiu na estrada e veio se aproximando, se aproximando... Florêncio não acreditou quando a velha que se dirigiu a ele, envergonhada e chorando, para pedir tabaco e dar-lhe a benção derradeira.

**A Matinta Perera era sua mãe.**

*Poraquê subiu em um pé de vento e tomou um relâmpago emprestado ao deus Trovão.*

## **O PORAQUÊ**

Poraquê era um valente guerreiro de uma tribo às margens do Rio Amazonas. Caçador por excelência, era sempre quem trazia o maior animal durante as festividades da tribo. Também ele era muito forte, destacando-se dos outros membros da aldeia.

Mas Poraquê era ambicioso. Não lhe bastavam a destreza do arco e da flecha. Não lhe bastava a força de seus braços e nem mesmo sua supremacia em combate. Ele queria ser o maior guerreiro da face da Terra.

Foi assim que tentou dominar o fogo, mas sua força nada valeu contra as labaredas. O índio então quis comandar os rios, mas Iara mandou contra ele a pororoca que o derrotou. Vencido pela segunda vez, Poraquê subiu em um pé de vento e tomou um relâmpago emprestado ao deus Trovão. Com ele fez uma borduna com a qual podia invocar os raios.

Certa vez uma tribo indígena atacou a aldeia em uma guerra que durou vários dias. Poraquê, com sua borduna de raios, dizimou milhares de inimigos. Tendo vencido a batalha, notou que a arma estava manchada de sangue e foi lavá-la à beira do Rio Amazonas. Um dos raios caiu na água e o transformou em um peixe feio, que quando atacado dispara rajadas elétricas para se proteger.



*A deusa, despojada de sua maldade, transformou-se em uma linda índia, pela qual Lori apaixonou-se perdidamente.*

## O VAGALUME

Um inseto pesquisado por cientistas de todo o mundo, associado ao poder divino e mantido em muitas crendices populares é, sem dúvidas, o vagalume.

Conhecido na região Norte como pirilampo, luz da vida ou facho eterno, o vagalume está associado a diversas lendas, entre elas, a indígena.

Diz a lenda, que em uma tribo da região Norte, havia curumins com poderes peculiares cedidos por Tupã, de curar diversos males, fossem eles do corpo ou do coração. Entre esses curumins destacava-se Lori, filho da luz e da bondade, predestinado por Tupã como eterno combatente da maldade e da escuridão.

Durante muitas luas o pequeno Lori foi desenvolvendo o seu poder, enquanto o corpo alcançava a maturidade. Certa vez, quando caçava com seus companheiros, o jovem índio distanciou-se deles perseguindo um caititu atingido por sua flecha.

Morã, deusa do mal, percebeu que aquela seria uma oportunidade única de liquidá-lo e envolveu a floresta em total escuridão. Para sua surpresa, os olhos do índio começaram a brilhar intensamente e com uma força tal que dissipou a escuridão, fazendo com que vislumbrasse a face da deusa, que despojada de sua maldade, transformou-se em uma linda índia, pela qual Lori apaixonou-se profundamente.

Tupã, que de seu trono a tudo assistia, resolveu que não poderia ser perturbada a ordem das coisas. O bem e o mal estavam



destinados por luas eternas a permanecerem em combate indefinidamente. Assim, Tupã desfez a magia de Lori e devolveu a Morã sua escuridão.

Tomado de amor pela deusa do mal, Lori começou a definhar. O rosto sempre alegre transformou-se em uma profunda máscara de tristeza e até mesmo seu corpo sofreu mutações, diminuindo a cada lua, até transformar-se em uma minúscula esfera de luz e partir para junto de sua amada, que depois de recuperar a escuridão, passou a fugir dele. Por isso, dizem os indígenas, que o vagalume aparece nos cantos mais escuros da floresta. É Lori, que mesmo transformado em uma minúscula partícula de luz, tenta envolver Morã com facho e assim recuperar a amada.

*O Negrinho teve os olhos furados e foi condenado a quebrar pedras até a morte.*

## ***BATE-PEDRAS***

O homem do campo das bandas do Amapari se benze três vezes e recua três passos, virando-se e depois correndo sem olhar para os lados, quando ouve um barulho similar a marteladas, no meio da floresta. É o Bate-Pedras, ente tradicional que habita aquele lugar desde que as primeiras casas foram construídas.

O Bate-Pedras, segundo o folclore local, tem o poder de causar dores de cabeça, febre ou mesmo levar à loucura aquele que o mirar diretamente. Negrinho forte e canhoto, levando na mão uma marreta, só pode ser visto, sem causar mal, se para isso for usado um espelho. Seu rosto diabólico é destacado por dois olhos graúdos e sem pupilas, acentuando sua aparência sobrenatural.

Dizem os habitantes que Bate-Pedras era filho bastardo de um senhor com uma escrava, que escondeu o menino logo após o nascimento, para que não se tornasse escravo como seus irmãos. Quando estava na adolescência, o negrinho foi descoberto em uma maloca feita com folhas de bambu. O senhor da fazenda então mandou matar a escrava e furou os olhos do negrinho, condenando-o a quebrar pedras por toda sua vida. Dia após dia o negrinho trabalhou, até que não aguento mais, e seu corpo entregou-se à morte. Durante as noites seguintes, no entanto, a alma do negrinho continuou a trabalhar incessantemente, quebrando pedras.

Bate-Pedras foi visto por várias pessoas, muitas das quais ficaram loucas. A tradição de se benzer três vezes, andar pra trás e em seguida deixar o local é uma forma do caboclo demonstrar respeito pela entidade, que se afasta sem lhe causar nenhum mal.



*O padre parou de pregar contra as benzedeiros quando Dona Zefa o curou de um furúnculo tamanho-família que apareceu próximo às suas “indecências”.*

## ***A BENZEDEIRA DE DEUS***

Dona Zefa era uma benzedeira das boas. Tirava quebranto, mau-olhado, desmanchava feitiços bravos e, de quebra, fazia um chá de canela como ninguém. Conheci Dona Zefa quando trabalhava na Serraria Ponta Grossa, em um ramal próximo à vila do Corre-Água. Era uma senhora amabilíssima, com uma bondade de fazer inveja aos santos e cabelos brancos que lembravam a proteção divina.

Curadora de qualquer mal, Dona Zefa fez fama quando conseguiu curar um padre de um furúnculo tamanho-família que apareceu próximo às suas “indecências”. O padre, aportado no Corre-Água há alguns meses, com gana de construir uma igreja, logo começou a pregar contra as benzedeiros e curandeiras, que são comuns nestes locais. Tudo corria muito bem até que certo dia, ao levantar da cama, ele descobriu o furúnculo.

Há mais de dez anos gozando de excelente saúde, pensou que fosse uma ferroadada de pium ou de mosca-mutuca, passando uma pomada e não pensando mais no assunto. No dia seguinte a inflamação havia dobrado e assim transcorreu por vários dias, impossibilitando o padre de rezar missa e angariar fundos para a igreja.

Vigário temente a Deus, rezou muito pensando que fosse castigo, mas descobrindo que não era, voltou para Macapá e procurou um médico. Pomadas, injeções e emplastros se sucederam e nada do padre melhorar.

Voltou ainda mais doente para o Corre-Água.



*O Agricultor descobriu ter conversado com o capeta, que mandavam os diabinhos multiplicarem por mil vezes qualquer atividade sua. Daí plantar e colher a produção de milho era moleza.*

## O CAPETA MULTIPLICADOR

Seu Ozório era um homem triste. Embora tivesse uma grande área de terra, uma esposa e dois filhos com muito boa saúde e disposição para o trabalho, não vivia contente com a vida. O motivo é que queria ter uma casa bonita, dar o maior conforto possível a família, comprar roupas novas e não deixar faltar nada na despensa. Suas terras não eram boas. O milho que plantava crescia de bom tamanho, mas nas primeiras chuvas apodrecia e só servia para alimentar os porcos. Com isso a miséria terminou batendo à sua porta. Rezava todos os dias: era homem muito católico e não perdia uma missa aos domingos, mas não era feliz.

Um belo dia chegou em sua casa um negro pedindo comida e pousada por uma noite. Homem de bem, Ozório deu-lhe um local para dormir e um naco de carne seca, acompanhado com farinha d'água.

Pela manhã, antes de partir, o negro agradeceu a hospitalidade e mostrou-se surpreso com o milharal de Ozório, que definhava a olhos vistos. O visitante então, disse-lhe que voltasse a arar a terra, e quando esta estivesse pronta, plantasse apenas um pé de milho e esperasse o resultado.

Sem saber que estava falando com o tinoso, Ozório procedeu conforme lhe foi mandado. Para a sua surpresa, quando fez com as mãos o primeiro sulco para jogar a semente, outros milhares de sulcos apareceram na terra, vindos do nada. O mesmo aconteceu quando semeou. Todos os sulcos foram imediatamente semeados



e cobertos de terra. Foi aí que o agricultor descobriu ter conversado com o diabo, que mandava os diabinhos multiplicarem por mil vezes qualquer atividade sua. Daí em diante, cercar o milharal tornou-se brincadeira de criança. Na primeira estaca fincada ao solo por Ozório, as outras foram surgindo e se multiplicando. Colher a primeira safra de milho foi mais fácil ainda. No primeiro saco de grãos, os outros encheram o celeiro. Seu Ozório ficou rico da noite para o dia. O milharal não mais se acabava com as chuvas e ele podia comprar tudo o que quisesse para a mulher.

Um belo dia a esposa de Ozório engravidou e ele fez uma grande festa para comemorar. A mulher, prestativa, decidiu que faria canjica para servir aos convidados, e partiu para o milharal.

Ainda não era época de colheita e as espigas estavam verdes, mesmo assim ela resolveu levar. E quebrou uma das espigas. Imediatamente todo o milharal caiu por terra e a mulher ficou desesperada. A produção estava perdida. Sem saber o que fazer, foi contar o ocorrido ao marido, que tomado pela raiva aplicou-lhe um tapa no rosto. Naquele mesmo momento, milhares de diabinhos também agrediram a mulher, que morreu nos braços do marido. Ozório se amaldiçoou por ter feito um trato com o diabo e, desesperado, olhando o milharal destruído e a esposa morta, tentou se recompor batendo com a cabeça em uma das estacas da plantação. Foi o seu último ato. Imediatamente os diabinhos entraram em ação, matando-o também com milhares de baques na cabeça.

O diabo cumpriu a promessa de multiplicar todos os atos de Ozório.

*De tanto esperar pela chuva que não vinha, seu Alonso começou a blasfemar e a não acreditar em São Pedro – tão venerado na vila e que até havia sido homenageado com o nome de um de seus filhos – fosse santo mesmo. Arrumou um apelido para o moleque e passou a chamá-lo por um vulgo qualquer.*

## O COMPRADOR DE CHUVAS

Seu Alonso olhava o céu todas as manhãs. Acordava e antes mesmo de tomar seu café forte, quase sem açúcar, atravessava a varanda da casa e ficava olhando para cima, vendo com tristeza o céu azul limpo, sem qualquer nuvem prenunciando chuva.

Vinha agindo assim há muitos meses, desde outubro do ano anterior, quando os pingos d'água deixaram de cair em São Pedro dos Bois, sua terra. As fazendas dos arredores, que antes eram admiradas por seus pastos verdejantes a se perder de vista, estavam com campos totalmente secos. O riacho, aquele riacho que atravessava a vila, onde os moradores se divertiam aos domingos, agora podia ser atravessado a pé, apenas alguns palmos de lama impedindo o caminho. O gado, que fez de São Pedro dos Bois um lugarejo conhecido, já tinha só pele sobre os ossos. Os bois morriam de sede. Seu Alonso não tinha gado e raramente se divertia no riacho. Somente sua mulher e os filhos iam até lá. Mas Seu Alonso era agricultor.

Havia plantado já por duas vezes sua tarefa de mandioca, sempre que pensava que ia chover, mas nem uma maniva brotava do chão.

Devoto de São Pedro, padroeiro da vila, Seu Alonso não se deixava abater. Tinha fé no Santo, cuja imagem era carregada em triunfo no mês de junho. Aliás, junho se aproximava e sem chuva

não haveria festas naquele ano. Nada de cantadores com suas violas, tirando repentes divertidos que fazem corar as mocinhas do lugar. Não haveria cantigas ao redor da fogueira e muito menos o churrasco de todos os anos, no qual ele mesmo, com todos os sacrifícios, colaborava com os comes e bebes.

Seu Alonso era muito religioso. Todos os domingos ia à missa com a família na igreja de São Pedro, e em frente à imagem do santo, rezava para que as nuvens negras se fizessem no céu; para que a chuva, como uma benção, caísse nos campos que já começavam a incendiar, tão quentes estavam.

Todos os domingos Seu Alonso voltava da igreja cheio de esperança, sonhando com o roçado novamente verdejante, mas todo dia a realidade dele era mais triste.

De tanto esperar pela chuva que não vinha, Seu Alonso começou a blasfemar e a não acreditar mais que São Pedro, tão venerado na vila e que até havia sido homenageado com o nome de um de seus filhos, fosse santo mesmo. Arrumou apelido para o moleque e passou a chamá-lo por um vulgo qualquer. Nada de homenagear santo que não fazia milagres.

Naquele dia, ao olhar para o céu, Seu Alonso se desesperou. O Sol estava a pino, o calor insuportável, o vento parado. Decidido, Seu Alonso entrou em casa, apanhou uma nota de dez cruzeiros e foi até a sala, onde a imagem de São Pedro descansava em um altar de cedro. Olhou com raiva para o santo, depositou os dez cruzeiros a seus pés e depois exclamou:

– Muito bem, São Pedro, santo de barro. Por muitas vezes eu rezei por chuva e ela não veio. Pois se não quer me dar, me venda dez cruzeiros de chuva!

Dito isto, Seu Alonso foi para a varanda da casa e ao olhar para o céu, pensou que estava sonhando. Grossas camadas de nuvens iam surgindo do nada, encobrendo a vila toda. Não demorou para chuva cair, e veio com ferocidade durante o dia todo e nos dias seguintes. Em pouco tempo os pastos estavam inundados, o riacho transbordava e atingia as casas. Muito se desesperaram imaginando ser o fim do mundo.



Já se passavam vários dias quando as chuvas cessaram e as águas começaram a baixar. Dois dias depois muitos limpavam suas casas, tomadas pelas águas e pela lama. Seu Alonso também limpava a dele. E foi quando passou a vassoura pelo altar do santo que sentiu o tilintar de moedas. Abaixou-se, surpreso, para apanhá-las. No chão havia nove cruzeiros e noventa centavos.

São Pedro havia mandado apenas 10 centavos de chuva.

*Uma noite Itauna rezou à deusa Taimã, rogando-lhe coragem para libertar seu povo. Com força descomunal, o negro quebrou os grilhões que o prendiam e atacou o inimigo.  
A façanha custou-lhe a vida.*

## **A LENDA DO MANGANÊS**

Há muitos séculos, dezenas de negros, numa galé, conseguiram escapar da escravidão e chegar à Serra do Navio. Nessa época duas aldeias se destacavam, uma no Curiaú e outra próxima ao Rio Itauna, hoje Rio Pedra Preta, que é um braço do Rio Araguari que passa pela Serra. As suas localidades em poucos anos passaram a abrigar centenas de negros que viviam basicamente da agricultura e preservavam suas tradições.

Homens brancos, certa noite, invadiram a aldeia de Itauna e em pouco tempo passaram a escravizar os negros, obrigando-os aos trabalhos mais pesados. Entre os africanos, porém, existia alguém que não aceitava passivamente a soberania dos brancos sobre os de sua raça. Era Itauna, negro de feições leoninas, cuja fama atravessava as florestas como sendo aquele que um dia libertaria os cativos da maldade branca.

Os escravos, mandados pelos feitores, passaram a trabalhar, principalmente na garimpagem. Quanto mais os patrões enriqueciam, mas pesados se tornavam os trabalhos escravos. Itauna era o único negro que não acompanhava seus irmãos. Cientes de sua força e liderança sobre os negros, feitores acorrentaram-no em uma grande rocha, para que fosse comido pelos animais da floresta, mas estes, por algum motivo, não se aproximavam do cativo.

Mesmo sem se alimentar, Itauna misteriosamente mantinha-se vivo, movido pelo mais puro ódio, pela mais sede de vingança que



se pode imaginar. Seus irmãos definhavam rapidamente, vítimas do trabalho escravo e aos poucos eram reduzidos a nada.

Uma noite Itauma rogou a deusa Taimã, pedindo-lhe força e coragem para liberar seu povo. Com uma fúria descomunal, o negro quebrou os grilhões que o prendiam e atacou seus inimigos. Naquele dia seus irmãos de raça levantaram-se em uma rebelião insana, sabendo, contudo, que não haveria chance de vitória. Em quantidade muito inferior, sem armas e fracos pelos trabalhos forçados, foram dizimados, mas deixaram um grande rastro de sangue nas terras de seus senhores. Itauna caiu ferido e foi aprisionado, sendo sentenciado a sangrar até morrer. Seu corpo, assim como o de seus irmãos, foi entregue às aves de rapina.

Sem negros para trabalhar e banhados em imensa fortuna, os homens brancos deixaram a beira do rio, que ficou conhecida como Itauna, em homenagem ao negro africano. A lenda de Itauna foi esquecida com o tempo e o rio mudou de nome, passando a se chamar Amapari. Nos anos 50, no local da luta, grande quantidade de pedra preta, assemelhando-se a sangue coagulado, foi encontrada naquele rio, cujo braço passou a se chamar de Pedra Preta.

Dizem que a deusa Taimã, vendo o massacre, não deixou o sangue negro se perder na terra, coagulando-o e transformando na pedra que hoje é o nosso manganês.

*Se um dia, durante a maré alta, unirem-se um negro e um índio, derramando gotas de seus sangues sobre a pedra, as duas nações emergirão para reclamar suas terras.*

## **A PEDRA MISTERIOSA**

Um fato que chama a atenção dos turistas e mesmo dos moradores da “estância das bacabas” que visitam a Fortaleza de São José de Macapá é uma grande pedra, localizada em frente ao forte para quem vem pelo mar e que fica dentro do grande muro de arrimo que cerca a praia. Dizem os frequentadores do local que certas noites, durante a maré alta, pedaços da “ilha” caem com o baque da água em seu dorso. O mistério é que no dia seguinte a pedra continua intacta, com o fenômeno se repetindo quase todas as noites. Foi somente em conversa com um pescador que pude tomar conhecimento da lenda que cerca a Fortaleza e consequentemente a “ilha das pedras”.

Deu-se o drama na época em que estava sendo construída a Fortaleza, para impedir ataques estrangeiros. Existia, onde hoje se localiza o forte, uma aldeia indígena. Havia ali um feiticeiro muito poderoso, de nome Caranaí, célebre por preparar guerreiros para o combate usando ervas especiais, que banhando o corpo dos índios, lhe davam invulnerabilidade contra flechas e lanças. Aconteceu que soldados portugueses fizeram amizade com os índios, realizando uma grande festa onde os silvícolas, embriagados, se tornaram presas fáceis. Apenas o feiticeiro Caranaí, seu filho e mais dois guerreiros conseguiram fugir.

Também no Curiaú os soldados aprisionaram muitos negros. O feiticeiro da vila preferiu cair nas graças do comandante e ficou a servi-lo em troca de regalias, enquanto seus irmãos negros e índios foram forçados a trabalhar pedras e carregá-las para a construção



do forte.

Meses se passaram e o feiticeiro Caranaí armava sua vingança. Banhando seu único filho e seus dois últimos guerreiros, além de si próprio, com a erva milagrosa da invulnerabilidade, desceram os quatro até o acampamento durante a noite, matando muitos soldados. Ocorreu que alguns dos soldados fizeram uso de arma de fogo, contra as quais as ervas milagrosas nada podiam fazer, pois só tinha efeito contra objetos de madeira e pedra. Os índios rebeldes foram mortos, assim como muitos outros que fizeram parte da rebelião. Caranaí fugiu para a floresta, escondendo-se ali.

O feiticeiro negro, para mostrar sua superioridade, saiu em perseguição, iniciando uma batalha de morte, onde seus poderes foram medidos e causaram grande devastação. No final, ambos ficaram gravemente feridos. Os soldados esperavam o final da batalha para matar o vencedor, fosse que qualquer lado, pois só assim teriam total domínio entre os negros e índios. Sentindo a chegada da morte, o feiticeiro do Curiaú se arrependeu de seus atos e juntamente com Caranaí, fez um golpe de faca na mão, derramando sangue na areia. Os feiticeiros lançaram uma maldição, profetizando assim que um dia as nações negras e índias se uniriam contra os brancos, na retomada de suas terras.

Os corpos dos feiticeiros foram colocados embaixo de uma imensa pedra, para que ninguém pudesse retirá-los. Dizem as lendas que nas noites de lua, durante a maré alta, os feiticeiros tentam se libertar e derrubam partes da “ilha”, mas pela manhã, quando perdem os poderes, a grande pedra volta ao normal. Ainda segundo as lendas, se um dia, durante a maré alta, unirem-se um negro e um índio, derramando gotas de sangue sobre a pedra, a Fortaleza de São José de Macapá deixará de existir e em seu lugar emergirão as duas nações a reclamarem suas terras.

*Todos, no entanto, tiveram uma visão comum: um sabiá, o mais belo já visto pelas redondezas, cantava triste no fio de iluminação pública.*

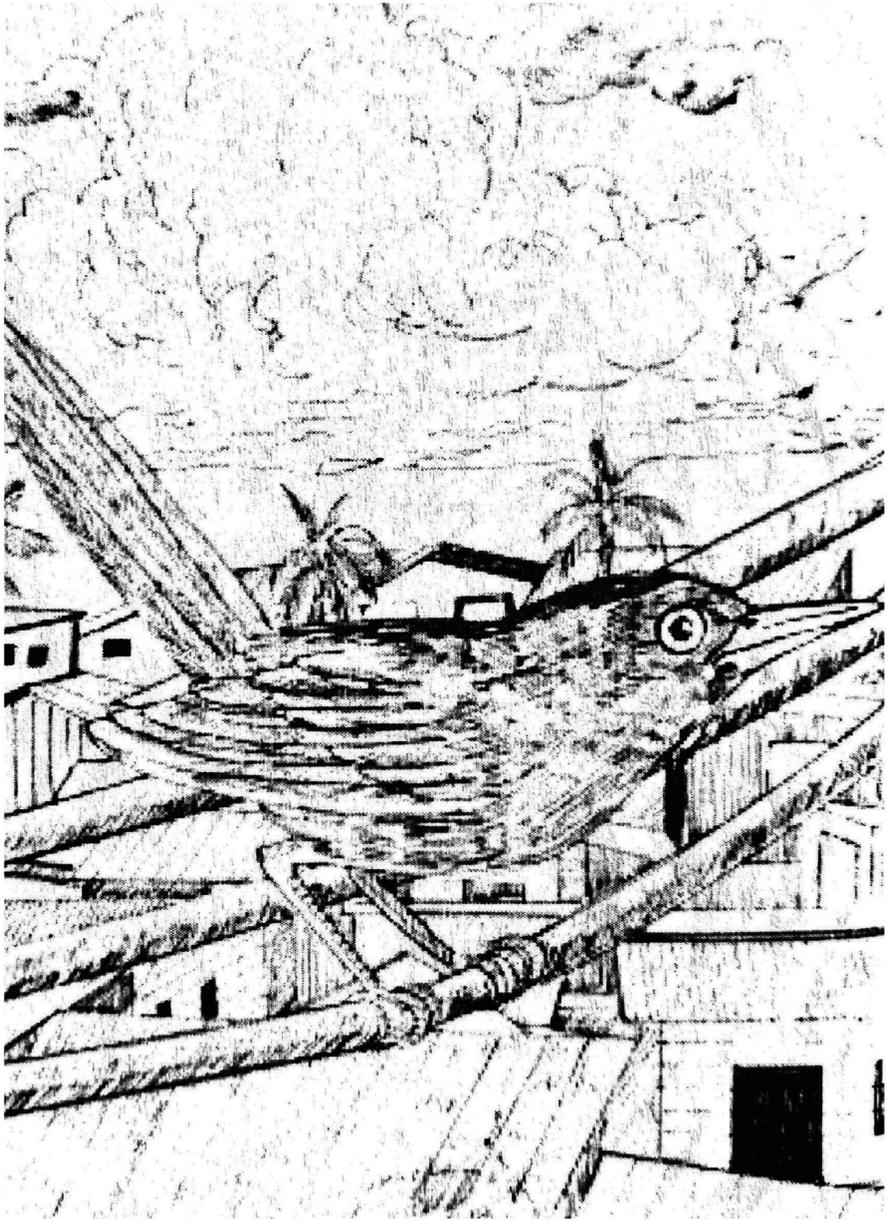
## **BECO DO AMOR**

A chuva caiu naquela quinta-feira, 19 de abril, com uma ferocidade torrencial na Passagem Santa Luzia, outrora Passagem Paricá, Passagem do Vinagreiro conhecida hoje como Beco do Amor. Seu Jorge, Dona Luzia, Seu Gregório, Dona Anésia, Dona Generosa, Dona Tereza, Dona Mariana e todos os outros moradores, jamais tinham visto fenômeno tão intenso. Todos, no entanto, tiveram uma visão comum: um sabiá, o mais belo já visto pelas redondezas, cantava triste no fio de iluminação pública.

Somente no dia seguinte os moradores descobriram a causa da revolta natural. Havia falecido o pioneiro Manoel da Silva Dias, Trabalhador incansável, o maior beneficiário da Passagem.

Manoel da Silva Dias, o Amor, como era conhecido por seus amigos e familiares, chegou ao Beco nos idos de 70, vindo de Abaetetuba, terra do açaí, cachaça Alvorada, da capivara e dos engenhos de cana-de-açúcar, com curta passagem pelo Igarapé das Mulheres, hoje bairro Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Seu Amor trazia na bagagem o sonho de uma vida melhor. A Passagem na época era um lamaçal só, coberta de ervas daninhas e bichos perniciosos. Nem assim seu sonho esmoreceu. Sem “pavulagem”, Manoel Dias construiu seu barraco ao lado do bangalô de Seu Gregório, único nas redondezas. Começou ali sua fábrica de vinagre Abaetetuba, feito diretamente da cana-de-açúcar, como somente um homem criando no engenho poderia fazer.



Em quatro meses a Passagem, que era feia e sem atrativos, viu um trator passar por seu interior, tudo graças aos trabalhos daquele pioneiro que buscava uma vida melhor. Sua esposa, Marlene Dias, natural de Breves, interior do Pará, e seis filhos, o ajudavam naquela árdua tarefa. Depois do trator, a Passagem viu também os primeiros postes de iluminação pública serem colocados em buracos cavados pelos braços dos moradores do local.

Sua fábrica, se não prosperava aos quatro ventos, garantia o sustento da família, e o vinagre Abaetetuba foi o melhor que já passou pelo estado. Não demorou muito para a Passagem, até então ostentando o pesadelo de não ter denominação, fosse conhecida como Passagem Paricá, devido às árvores do mesmo nome que ali existiam.

Seu Manoel Dias, o Amor, continuava morando no local e à noite, sorria ao ver seu sonho tomar forma. Depois a passagem mudou de nome, passando a chamar-se Travessa Vinagreiro, em homenagem àquele que nunca a esqueceu. Era ele Manoel da Silva Dias, o Amor. O nome permanece por muitos anos e a vida de seu Amor é contada a filhos e netos dos moradores da passagem que lhe empresta oficiosamente o nome.

Os moradores não mudaram. Ainda moram ali o seu Gregório, o Seu Jorge, a Dona Mariana e muitos outros amigos, como parte de uma grande família, hoje órfã e de coração amargurado. Mas ninguém esquecerá quem foi Manoel da Silva Dias, o Seu Amor, o pioneiro que só queria uma vida melhor para todos, que deixou uma esposa, seis filhos e muitos sonhos. Eu não esquecerei Manoel da Silva Dias, o vinagreiro, este homem extraordinário... que foi meu pai.

*Foi nessa época que Severino foi atacado pelo porco do mato.  
Era um porco descomunal, peludo e muito veloz que  
o perseguia no caminho do roçado.*

## **A VELHA SEBASTIANA**

A velha Sebastiana morava na vila de Catanzal, lá pelas bandas de Santa Luzia em um barraco de palha. Sua fama de curandeira vinha de longe, desde a mocidade, quando diziam que além de curar muita gente através de ervas e orações, também tinha o poder de se transformar em animais das mais variadas espécies.

Beirava seus 70 anos. Era muito branca e de corpo curvado pela idade. De uma magreza descomunal, parecia recoberta somente de pele e ossos. Suas mãos, de unhas compridas, assemelhavam-se a garras, formando um aspecto assustador que afastava os viajantes do caminho que levava à sua casa. Com a velha Sebastiana morava sua única filha, contrastando vivamente com a mãe. Era de uma beleza angelical, a pele macia como algodão e os olhos de um azul sem fim, lembrando oceanos perdidos e naufragos. Embora muito linda, não havia pretendente para desposá-la, já que todos na vila comentavam que ela também viria a ser uma bruxa, como a mãe.

O destino, no entanto, costuma pregar muitas peças. E foi assim que o cearense Severino de Assunção, cansado de trabalhar de sol a sol em sua terra e ver as plantações morrerem de sede, resolveu buscar melhores dias, chegando a Vila do Catanzal disposto a plantar mandioca. Foi durante um árduo dia de trabalho que conheceu a garota, na beira do riacho, quando foi buscar água na cabaça de barro. Foi paixão à primeira vista, mas a garota, que tinha muito medo da mãe, preferiu que o amor ficasse em segredo.



Assim, sempre que a tarde ia morrendo, os dois se encontravam à beira do riacho, trocando juras de amor.

Foi nessa época que Severino foi atacado pelo porco do mato. Era um porco descomunal, peludo e muito veloz que o atacou o caminho do roçado. O cearense, ágil, conseguiu escapar do animal, mas o incidente voltou a acontecer no dia seguinte, e nos outros. Sempre que os namorados se encontravam, o porco surgia feroz, tentando atacar o agricultor, que por muitas vezes mudou de caminho, mas sempre em vão.

Percebendo que sua vida corria perigo, Severino comprou um facão, amolando a arma cuidadosamente, preparando-se para o próximo encontro com o bicho. No dia seguinte, depois de encontrar com a garota, seguiu o caminho de casa. Na primeira encruzilhada, como havia previsto, lá estava o porco, grande, peludo, com mandíbulas poderosas e prontas para o ataque.

Severino não se intimidou e iniciou uma batalha feroz, enquanto com o facão tentava sangrar o monstro, que se mostrava osso duro de roer. Quando pensava que estava perdido, Severino conseguiu, com a ajuda de Deus, cravar a faca nas ancas do animal, que como um louco correu para o mato, perdendo-se na floresta.

No dia seguinte, ainda temeroso, Severino foi encontrar sua amada, a qual lhe comunicou que não poderia ficar na beira do riacho muito tempo, porque sua mãe, quando descourava uma caça, tinha caído sobre a faca e sofrido um ferimento profundo. Só então Severino descobriu que quem o perseguia era a velha Sebastiana, com ciúmes da filha.

*Não são poucos os que veem na beira do lago, uma luz muito azul, que transmite paz e serenidade.*

## **LAGO AZUL**

O Lago Azul é um parque ecológico natural, descoberto pelos veranistas que gostam de aventura e contato com a natureza. Fica no quilômetro nove da Rodovia Duque de Caxias, que liga Macapá ao município de Santana. Contam que ali existia uma casa de campo onde uma família, tradicional por sua riqueza em gado, passava o verão. A família era composta pelo chefe Antônio e sua esposa, a filha Cecília e o filho Fabinho. Próximo ao lago não existiam outras casas, assim como por várias léguas. Os verões passados pela família eram de uma harmonia nunca vista em outro lugar.

Certo dia surgiu uma doença nos bovinos das fazendas de Ferreira Gomes, a maior fonte de renda de Antônio, que decidiu viajar imediatamente para o local, desmarcando assim um passeio que fariam pelas redondezas. O descontentamento de Fabinho e Ceci foi grande, mas logo vendo-se livres para peraltices, até gostaram de ficar a sós e armar as mais diversas artes, como tomar banho no lago.

Antônio chegou em Ferreira Gomes e encontrou a desgraça pronta. Suas reses, às centenas, morriam de uma doença misteriosa. Desesperado, Antônio embriagou-se. E foi embriagado que amaldiçoou sua sorte e pediu aos espíritos da floresta que o ajudassem. Prometeu que as entidades poderiam tomar-lhe seu bem mais precioso, que não se importaria, desde que sua riqueza fosse preservada. Seus olhos embaçados pela embriaguês e pela fúria, viram na beira do rio que passava por sua propriedade, em Ferreira Gomes, uma luz muito azul, que ofuscava até mesmo os céus, desprendendo-se das águas e sendo levada pelo vento.



Naquele momento, Ceci e Fabinho, longe dos pais, banhavam-se e brincavam à beira do lago. Estavam absortos quando o raio de luz desceu ali. Fabinho, amedrontado, correu à procura da mãe. Ceci, fascinada pelo acontecimento, ficou olhando a luz fantástica que parecia envolvê-la completamente.

Quando Fabinho, acompanhado da mãe, retornou ao local onde tinha acontecido o fenômeno, não mais avistou Ceci. Apenas as roupas estavam na beira do lago. Antônio chegou ao chalé no dia seguinte e encontrou a família pranteando Ceci. Ficou tão triste que nem sequer mencionou as palavras proferidas antes da desgraça, assim como não contou um mistério ainda maior: seu gado, por sorte ou desejo de alguma divindade, recuperou-se completamente e sua fortuna estava salva.

O mais inconsolável de todos com o desaparecimento de Ceci era Fabinho, que tinha crescido na mais completa harmonia com a irmã. O garoto, muito triste, certa vez chegou à beira do lago e pediu às águas que a trouxessem de volta. A luz muito azul, agora impregnada com perfume de alfazema, mostrou-se diante de seus olhos. E eis que entre a luz apareceu o rosto de Ceci, que disse ser aquela a primeira e a última vez que se mostrava ao irmão, mas se por acaso algum infortúnio o abatesse deveria clamar por ela, acendendo uma vela, e todos os seus desejos seriam atendidos.

Quando a família soube do acontecimento, vendeu suas poses e abandonou o chalé. Os anos passaram e a história percorreu seus caminhos naturais. Ainda hoje existem pessoas que ao procurar aquele balneário para apreciar a natureza, dizem ter visto no centro do lago uma luz muito forte, muito azul, que transmite paz e serenidade. Daí passaram a chamar o local de Lago Azul.

*Durante todos os dias que se seguiram, lá estava Dona Joaquina, onde quer que houvesse uma contenda, com seu grito de guerra: “Ave Maria, sai de retro, Satanás”*

## **A MULHER QUE VIA O CAPETA**

Esta lenda é antiga e corre até hoje no município de Tartarugalzinho. É sobre uma mulher que, segundo a credence popular, conseguiu ver o capeta, combatendo-o e sofrendo as consequências.

Dona Joaquina era uma “moça velha”, isto é, nunca havia casado ou pelo menos arrumado um pretendente durante os mais de 50 anos de vida. Sem nada para fazer, ficava horas cuidando de um cachorro e vários gatos que tinha em casa, aos quais tratava como se fossem seus próprios filhos.

Certo dia a velha Joaquina estava conversando com uma comadre quando citou seu cãozinho de estimação. Entre uma consideração e outra, a mulher comentou que se alguém usasse a sebosidade dos olhos de um cão para untar seus próprios olhos, passaria a ver o capeta onde quer que ele estivesse, evitando assim muitas discórdias.

Dona Joaquina ouviu tudo atenta, sem perder uma só palavra e depois perguntou se a amiga já havia conhecido alguém que tivesse feito aquela experiência.

– Ora, comadre, claro que não. Quem iria se prestar a uma coisa dessas?

A velha Joaquina não disse nada e se despediu da comadre. No fundo de sua mente uma ideia tomava forma. Ao chegar em casa ficou matutando sobre o assunto. Há muito observava que seu cachorrinho ficava latindo a noite. Quando criança, ouvia histórias



diversas a respeito dos cães. Uma delas era que os cachorros viam muitas coisas durante a noite e por isso latiam para alertar seus donos ou espantar assombrações.

– Seria tão bom se eu pudesse ver pelos olhos do meu cachorro – pensava ela.

Naquela noite, não aguentando mais a curiosidade, Dona Joaquina tirou o sebo dos olhos do cãozinho para passar nos seus. Precavida, untou apenas o olho esquerdo, para poder distinguir assombração da realidade. Imediatamente sua vista se turvou e ela passou a perceber coisas estranhas, como vultos que andavam pelas ruas. Foi durante uma briga em frente à sua casa que ela teve a primeira visão do capeta. Dois bêbados se digladiavam quando ela viu uma terceira pessoa, toda vestida de negro, dois chifres na testa e um tridente na mão, que usava para instigar os adversários.

– Louvado seja Deus! É o capeta! Sai de retro, Satanás!

Com os gritos da mulher o capeta sumiu e os bêbados fizeram as pazes. Dona Joaquina percebeu que durante a menção dos nomes divinos o capeta fugia, apavorado.

Durante os dias que se seguiam, lá estava Dona Joaquina onde quer que houvesse uma contenda, aos brados:

– Ave Maria, sai de retro, Satanás!

E o capeta mais que depressa tratava de fugir dali.

O olho esquerdo de Dona Joaquina ganhou fama e ela era chamada nas delegacias onde um policial costumava espancar os presos, nas casas onde marido e mulher estivessem discutindo, nas boates onde as garotas se prostituíam, sempre com seu grito de guerra:

– Ave Maria, sai de retro, Satanás!

E o capeta não ficava para esperar outra conjuração.

Certo dia, no entanto, antes mesmo de qualquer coisa, o capeta decidiu averiguar como aquela mulher podia vê-lo, se era invisível aos olhos humanos. Tinha que descobrir o mais rápido possível, senão sua carreira de desordem estava perdida!

Um dia apareceu para ela um moço muito louro, muito bonito, vestido de negro à moda antiga e cartola na mão.

Dona Joaquina impertigou-se, ficou toda sorrisos e foi logo colocando o rapaz em sua sala. Conversa vai, conversa vem, ela terminou contando a ele que um de seus olhos tinha a capacidade de ver o capeta a léguas de distância.

– Com qual dos olhos você consegue ver o capeta? – perguntou o demo disfarçado.

– Com o esquerdo (respondeu Dona Joaquina).

E o capeta mais que depressa esticou as unhas e furou o olho da moça velha, que não quis passar sebo de cachorro do outro, com medo de o capeta furá-lo também.

*João Sem Pernas identificou o velhinho como o avô perdido e passou a amá-lo de uma maneira toda sua, guardando consigo aquele cartaz do presidenciável de cabelos brancos e rosto marcado por rugas de austeridade.*

## JOÃO SEM PERNAS

A notícia estourou na Baixada do Japonês como uma batida policial, alvoraçando os moradores, deixando alguns incrédulos e outros felizes.

Desde cedo, quando a rádio avisou que aquele presidenciável visitaria a favela, homens, mulheres e crianças iniciaram os preparativos. Entre eles, um era o mais esperançoso: João Sem Pernas, garoto parapléxico filho de lavadeira, que ainda muito pequeno perdeu o pai boêmio para a bebida e também as pernas para a paralisia infantil.

João Sem Pernas era João Tenório dos Santos, mas ninguém sabia. Muito cedo, logo após pegar a doença ganhou o apelido e com a humildade e simplicidade de uma criança, aceitou, mesmo depois de ter o entendimento. Sua mãe, doente e sem recursos, nunca pode colocá-lo no banco de uma escola.

João Sem Pernas já contava 12 anos. E foi naquele dia, quando as rádios estouravam a notícia em primeira mão, que viu também pela primeira vez o cartaz do presidenciável de cabelos brancos, o rosto marcado por rugas de austeridade, como aquela foto antiga de seu avô, que também não conheceu, mas que lhe foi mostrada pela mãe. João Sem Pernas identificou o velhinho como o avô perdido e passou a amá-lo de uma maneira toda sua, de coração aberto, guardando o cartaz como se fosse o mais valioso dos tesouros. Em sua mansidão, em sua inocência, imaginou que o pres-

idenciável de longe se aproximaria, condoendo-se de sua situação. O velhinho então lhe ofertaria, sem que pedisse, uma cadeira de rodas igualzinha à que viu aquele garoto rico usar.

João Sem Pernas acalentava aquela esperança no fundo de sua alma, sem dizer nada a ninguém, talvez temeroso de zombarias e das dores de desesperança. E os moradores da Baixada do Japonês, em toda a sua miséria, juntaram o pouco que tinham para providenciar iguarias, das mais diversas, àquele ilustre visitante.

Deu meio-dia, horário marcado para a visita, e o candidato ainda não havia desembarcado no aeroporto. Políticos de camisa engomada, estudantes em seus uniformes azul-marinhos, motoristas com seus carros lavados e lustrados, e, finalmente o povo, com toda a sua miséria, todo o seu sofrimento, toda a sua esperança, o aguardavam. E lá, no meio daquela multidão, estava João Sem Pernas, guardando consigo o cartaz, o mais valioso de seus tesouros.

As horas corriam céleres e a noite vinha chegando. No céu, os primeiros prenúncios de chuva forte se faziam ver. O alto-falante do aeroporto avisou que o velhinho não mais viria e o povo se dispersou. Foram-se todos, menos João Sem Pernas, que não conseguiu arrastar-se até um lugar seco, mesmo porque os funcionários do aeroporto já lhe haviam advertido que estava muito sujo e sua aparência repugnaria as pessoas ali presentes. Ele não perdeu a esperança de ver chegar o presidente, o candidato, o seu avô querido de desesperanças.

A chuva caía como um lamento, lavando o mundo da podridão humana, do ódio, do desespero. O menino João Sem Pernas tiritava de frio e fome, quando em meio ao aguaceiro vislumbrou o rosto do velhinho, o avô perdido que passou a amar.

Sorriu em todo o seu íntimo, em toda a sua alma, ao perceber que ele o via de longe e se aproximava afagando-lhe os cabelos revoltos, e entregando sem que pedisse, uma cadeira de rodas igualzinha à daquele menino rico.

João Sem Pernas não sentia a chuva torrencial molhando seu corpo pequenino. Seu semblante era só felicidade, felicidade de



um garoto que depois de tantos sofrimentos, finalmente encontrou a paz nos braços do velhinho, do presidenciável, do avô querido que passou a amar de uma maneira toda sua.

Pela manhã a vida já tinha voltado ao normal na baixada. Homens, mulheres e crianças mantinham-se na mesma pobreza, na mesma miséria, na mesma batalha diária de quem sabe não haver esperanças. Foi então que a lavadeira deu por falta do filho, passando a procurá-lo por todos os cantos. Naquele mesmo momento, um funcionário do aeroporto, ao ver se o temporal havia causado prejuízos materiais, encontrou o corpo do pequenino, entretado de frio, mas com o semblante tão feliz, tão iluminado, que não parecia ter perdido a vida.

João Sem Pernas sorria da vida-miséria que sempre levou. Em suas mãos estava o cartaz com a foto do presidenciável, do avô querido que passou a amar de uma maneira toda sua. Era o cartaz de um homem de cabelos brancos, o rosto marcado por rugas de austeridade, o cartaz guardado consigo como se fosse o mais valioso dos tesouros.

*Foi quando o viu o moço, envergando um fino paletó branco,  
de pé na cabeça do trapiche. A cabocla não se assustou.  
Levantou da cama e foi ao encontro de seu amado.  
As dores desapareceram como que por encanto.*

## *A FAMÍLIA DO BOTO TUCUXI*

A cabocla estava doente, muito doente. Desde as primeiras semanas de gravidez ela já sabia que a criança em seu ventre corria o risco de não conhecer o mundo. Já havia tentado de tudo. Medicou-se com ervas e chás, mandou benzer e puxar a barriga e até mesmo tomou a beberagem que a mãe de santo lhe deu, sem perceber qualquer resultado.

“É um caso perdido”, diziam os moradores da Ilha de Santana, consternados com o sofrimento da mulher que se retorcia em dores terríveis. Mas sua dor maior estava em sua alma. Era a dor de estar perdendo a criança a cada dia que passava. A cabocla nem mesmo tinha certeza de que ocorrera a gravidez. Tudo parecia irreal, como um sonho. Ela lembrava da festa, da música romântica que subitamente a transportou ao trapiche, caminhando devagar, sonolenta, embriagada. A mulher lembrava que ali a esperava um homem alto, muito bonito e perfumado, trajando paletó branco e chapéu de carnaúba. Esquisito agora que pensava nisso, descobrir que em nenhum momento ele tirara o chapéu, nem mesmo para cumprimentá-la. Fizeram amor sob a luz do luar e dormiram abraçados, ouvindo o barulho das ondas batendo no cais. Acordou com um imenso gosto de mar na boca e uma certeza: estava grávida.

Desde muito cedo ela também descobriu que seu filho não teria grandes chances de nascer. Era estranho, no entanto, que embora não tenha mais visto o pai da criança, lembrasse dele com



perfeição, os olhos de um azul muito profundo, cada vez que olhava para o mar. Ela também percebeu que quando se aproximava das águas, a dor cessava quase que por encanto e uma paz muito profunda se apossava de sua alma. E era então que a cabocla sentia como se lhe afagassem o ventre, ninando a criança e fazendo-lhe mil promessas de amor.

A gravidez continuava. O ventre crescia e junto com ele a preocupação da cabocla. Já havia consultado um médico na capital e sido informada de um problema no útero, que não lhe permitiria ter o filho sem grandes riscos de vida. Foi só quando faltavam poucos dias para dar a luz que a mulher descobriu.

Lembrou-se das histórias de um moço muito bonito e muito louro que aparecia nos trapiches, conquistando moças virgens e deixando um filho no ventre delas. Mas a cabocla sabia que desta vez seria diferente. Quando sentia as dores do parto, alguma coisa a fez olhar pela janela. Foi quando viu o moço, envergando um fino paletó branco, de pé na cabeça do trapiche.

A cabocla não se assustou. Levantou-se da cama e foi ao encontro de seu amado. As dores, como que por encanto, desapareceram por completo. Uma estranha força, como um calor divino, penetrou em seu ventre, levando saúde ao bebê.

A cabocla continuou a caminhar até perceber que a maré tinha subido e lhe tocava os pés. E todos na casa viram quando a cabocla, carregando a criança no colo e acompanhada de um moço muito bonito e vestido de branco, atirou-se no rio.

O boto tucuxi voltou para buscar sua família.

*Uma noite, ouvindo os tambores pela enésima vez, Tucuím entendeu. Seu rosto negro empalideceu de preocupação e terror. Uma providência urgente precisava ser tomada.*

## O TAMBOR DO CURIAÚ

O Tambor ressoava à noite e era ouvido pelos pacatos moradores da Vila do Curiaú. A mensagem trazida pelo batuque era ininteligível para os negros, na maioria descendentes de africanos, pois há muito esqueceram o dialeto tamborístico de seus locais de origem. O mesmo não acontecia com o preto Tucuím, 101 anos nas costas, pele enrugada, mas corpo firme, uma espécie de líder na comunidade, que silenciava quando ouvia o ribombar dos tambores, como se ali estivesse sendo passada uma mensagem funesta de seus ancestrais. De onde vinha o som não era sabido. De algum ponto da floresta, talvez.

De início, sem compreender a mensagem, Tucuím mandou dez de seus negros à procura do interlocutor. Por mais que estes se embrenhassem na mata o som parecia vir de cada vez mais longe, bem difícil de braços humanos conseguirem batucar com tamanha violência, e assim fazer a mensagem chegar à aldeia.

Sempre à noite, Tucuím metia-se em sua barraca de palha e ficava atento. O som lhe vinha aos ouvidos. Até que uma noite o rosto negro empalideceu e muitas rugas vieram a se unir à primeira, demonstrando preocupação e terror. Tucuím entendia. Uma providência urgente precisava ser tomada.

Agora todas as noites o batuque não era mais de tambor. Para Tucuím, era uma voz que previa desgraça e morte na pequena aldeia caso suas determinações não fossem cumpridas. Por dias Tucuím, manteve-se pensativo, preocupado. Finalmente o negro

levantou-se da rede, puxou uma longa baforada no cachimbo e reuniu a tribo. Airá, seu filho, foi ter com ele, para saber o porquê da ordem de sacrificar um boi para ser queimado em holocausto sem que os membros da aldeia, que vinham sofrendo de fome, pudessem usufruir da carne. Tucuím pronunciou poucas palavras, mas que aterrorizaram o jovem.

– Meu filho, antes um boi com seu sangue e cabeça, que a morte do povo, mulheres e crianças. Seja feita a minha vontade e da deusa Taimã!

Tucuím sabia. Sabia e estava preocupado, profundamente preocupado. À noite todo povo se pintou com sumo de tucumã e bacaba. Uma das três vacas que proviam leite à aldeia foi colocada em um altar feito com grossas toras de árvores. Antes que o sacrifício fosse feito, ouviu-se a voz de Tucuím, profundamente amargurada:

– Meus irmãos, meus filhos, uma grande desgraça veio se abater sobre nós. Eis que nosso povo esqueceu seus costumes e já não venera seus deuses. No tambor, que quase todos ouvem nas mudanças de lua, a deusa Taimã, que muito ajudou nossos ancestrais, diz: “– Ó povo de Curiaú. Ó desgraçados. Vocês esqueceram suas origens e agora adoram outros deuses. Eis que minha ira cairá sobre ti. Na primeira lua cheia a aldeia será banhada de sangue. Serão muitos os mortos e nesse dia as mães chorarão seus filhos. Mas, ah, povo desgraçado, ainda há uma chance de evitar esse mal. Um dia antes da lua cheia, todos os primogênitos deverão ser levados para o centro da floresta e deixados sem pão e água. Eu os trarei para meu reino e minha ira será aplacada”.

Tucuím continuou:

– Meus irmãos, o boi que será apresentado em holocausto vai junto com muitas orações minhas, na tentativa de aplacar a sede da deusa Taimã. Todos devem dançar e orar essa noite, pedindo misericórdia, para que muitos dos nossos não sejam sacrificados. E durante toda a noite os tambores voltaram a falar. Tucuím se desesperou. Que seria da aldeia sem as crianças? Sem a continuidade da espécie em breve não existiria mais o Curiaú. A vingança da deusa seria tremenda.



Durante toda a noite Tucuím meditou e pela manhã anunciou ao povo que iria à floresta e se apresentaria como sacrifício. Naquele dia todos choraram por seu destino. Tucuím não levou nem pão, nem água, mas somente a bolsa com fumo para esperar a morte certa. Seguiu para a floresta, onde permaneceria por três dias. No segundo dia acendeu uma fogueira para se aquecer e viu que do fogo saía uma fumaça negra, de incenso e enxofre. A deusa personificou-se diante de seus olhos. Majestosamente dirigiu-se ao negro:

– Tucuím, meu servo fiel desde o início dos tempos, como foram seus ancestrais. Por que te sacrificas por um povo que não merece?

– Minha deusa, não posso deixar as crianças perecerem. Leva meu corpo e assim aplicarás tua ira, mas deixa meu povo em paz.

– Volta para tua aldeia, Tucuím. Teu povo está a salvo. Neste momento todos clamam por perdão. Com tua sabedoria conseguistes convertê-los novamente a mim. Vá em paz. De hoje em diante não haverá mais fome. E que ninguém esqueça as minhas palavras.

E assim Curiaú foi salvo. Hoje, décadas depois, ainda não se ouviu o tambor da morte proclamando a ira da deusa negra, pois a história, passada de pai para filho, faz com que todos os descendentes africanos ali existentes sigam fielmente os mandamentos e venerem seus deuses.

*A oração passou, a partir daí, a cumprir um ritual. Sempre que uma mulher da Vila do Gurupora engravidava, imediatamente colocava-se o cordão com o saquinho milagroso em seu pescoço. As crianças nasciam robustas e saudáveis.*

## ORAÇÃO DAS GRÁVIDAS

Dona Mariana estava se retorcendo em dores. No quarto, ao redor da cama, o marido acompanhava, junto com uma parteira, as contrações cada vez mais fortes, que poderiam causar a morte da mulher se não houvesse uma providência divina. Mariana estava grávida de sete meses e conforme explicara a parteira da vila, há mais de 30 anos fazendo partos alheios, o bebê estava “de atravessado”, sendo impossível um parto normal sem que a mãe e a criança corressem graves riscos.

A gravidez de Mariana foi difícil desde o início e vinha se agravando nos últimos meses. De nada adiantaram as massagens feitas pelas benzedadeiras, os sucessivos chás medicinais e ainda menos as orações conhecidas nas redondezas, todas praticadas com fervor. Ela poderia morrer se não recebesse socorro imediato.

A balbúrdia estava formada no quarto quando ouviram alguém chamando na frente da casa. Indo verificar, descobriram um homem puxando pelas rédeas um cavalo no qual estava a sua mulher. Eles queriam pousada para a noite. Embora hospitaleiros, os membros da casa consideraram a hipótese de mandá-los embora. Afinal, não havia como dar atenção aos viajantes. Uma beata, mais afoita, explicou-lhes o problema.

Com um sorriso benevolente, o viajante se identificou como um grande rezador e prometeu ver a grávida, desde que pudessem passar a noite ali. Dentro de casa, vendo Mariana contrain-



do-se em dores, calmamente foi até a mesa, apanhou caneta e papel e rabiscou alguma coisa. Em seguida, pediu um pedacinho de pano grosso, barbante e agulha, no que foi prontamente atendido pelos presentes. Depois de costurar um saquinho com o pano, depositou cuidadosamente o papel dentro, amarrou com o barbante e em seguida colocou, como um cordão, ao redor do pescoço da parturiente, mandando que todos, com exceção da parteira, fossem descansar, que tudo ficaria bem.

Cinco minutos depois um choro de criança rompeu o silêncio de expectativa que se fazia. O bebê tinha nascido saudável e a mãe não corria qualquer perigo. “Milagre!”, gritaram as beatas ao mesmo tempo em que pegavam a criança no colo. Não é necessário dizer que o hóspede, responsável pela façanha, foi muito elogiado, recebendo o melhor quarto da casa, lençóis limpos e refeição farta durante as semanas seguintes em que ficou ali com a esposa. Seu cavalo tinha ração de milho e torrões de açúcar garantidos. Quando se foram, gordos e sorridentes, a comoção foi geral.

A oração milagreira dentro do saquinho passou a cumprir, a partir daí, um ritual. Sempre que uma mulher da Vila do Gurupora, onde aconteceu o fato, engravidava, imediatamente colocava-se o cordão com o saquinho em volta de seu pescoço. As crianças nasciam robustas e com boa saúde. Durante muitos anos a oração passou de mão em mão, levando felicidade às grávidas.

Certo dia uma beata, vendo que o saquinho milagroso começava a desgastar-se, apresentando pequenos furos, resolveu que abriria, anotaria a oração e distribuiria para o maior número de pessoas. Depois disso, certamente, nenhuma das vilas próximas de Gurupora veria suas grávidas sofrendo. Com muito cuidado abriu o saquinho, desdobrou o papel, leu e... desmaiou. Quem a socorreu descobriu o motivo. Meio desbotada, ali estava a mensagem.

“Estando eu e minha esposa alimentados e dispostos para transar e nosso cavalo comendo milho com açúcar, as barrigudas da vila que se explodam”.

*Dos Anjos, desesperada, ofereceu o filho à mãe d'água.  
Três anos depois o garoto desapareceu em um córrego  
no distrito de Fazendinha.*

## O CÓRREGO ENCANTADO

Dizem que no distrito de Fazendinha existe um córrego por trás do balneário, que é encantado. As primeiras menções sobre os mistérios iniciaram em 1987, por moradores que diziam ouvir um choro de criança naquele local, mas quando saíam para averiguar, nada encontravam, exceto águas agitadas e turvas.

Foi movido pela curiosidade de jornalistas que me dirigi àquele local, com intenção de fazer uma ampla reportagem para o jornal onde exercia minhas atividades profissionais. Tudo o que eu consegui descobrir de imediato foi o que já haviam me contado na redação. Atribuí o fato de estar acompanhado de mais dois repórteres e um fotógrafo. Foi também naquele dia que percebi uma senhora, afastada de todos e que tinha o rosto triste, o corpo magro e olheiras profundas, como se não dormisse a várias noites. Intimamente prometi que retornaria no dia seguinte.

Ainda não eram oito da manhã quando cheguei ao local e tudo parecia muito quieto, sem a agitação do dia anterior. Informando-me aqui e ali, sempre dando as características da mulher, consegui descobrir onde ficava sua casa.

Chamava-se Helena dos Anjos Pires, ou “Dos Anjos”, conforme a conheciam os amigos. Era uma mulher de aproximadamente 25 anos e com um rosto bonito, mas extremamente marcado por sofrimentos. Conseguir arrancar-lhe qualquer tipo de informação tornava-se um esforço sobre-humano, difícil mesmo. Seus olhos mostravam uma mulher assustada. Sem alguém para

desabafar, aquela frágil criatura terminaria enlouquecendo. Foi somente na terceira visita àquela casa, quando lhe prometi que não escreveria uma só linha sobre o assunto, que ela mostrou-se acessível.

Dos Anjos então contou que tudo começou quando teve um relacionamento amoroso com um rapaz do município de Afuá. Moça ingênua, crente nos folclores e lendas contadas por sua mãe, apaixonou-se perdidamente pelo jovem, que por ironia do destino era seu primo. Sua mãe, quando viva, sempre lhe dizia que isso jamais poderia acontecer, pois nunca seriam plenamente felizes.

Mesmo lutando com todas as forças, Dos Anjos não pôde resistir àquele amor e entregou-se ao rapaz, que logo depois foi embora, abandonando-a a uma vida de sofrimentos. Algum tempo depois descobriu que estava grávida. Sua alegria foi imensa, pois assim teria uma lembrança viva para compensar o sofrimento causado pela perda de seu amado.

Pobre, passando por privações, a mulher teve problemas com a gravidez e corria sérios riscos de ter a criança prematuramente. Quando mais nenhuma esperança lhe restava, recorreu à mãe das águas, para que lhe desse uma gravidez normal, por mais que em troca levasse a criança, aos três anos, para seus domínios no além-mar. O pedido feito em um momento de desespero surtiu o efeito desejado. Dos Anjos não teve mais qualquer problema com a gravidez e em pouco tempo nasceu o rebento.

A felicidade completa, no entanto, jamais chegou a Dos Anjos. A promessa feita à mãe d'água, embora considerada infantil por alguns, preocupava-a em demasia. Enquanto isso o garoto e a mãe criavam cada vez mais afinidades. O amor que os unia era tão grande que cada momento Dos Anjos mais se apegava a ele, e mais ainda aumentava seu desespero por ter que perdê-lo em alguns anos.

Com o coração pesado, Dos Anjos resolveu consultar uma cartomante, e esta a aconselhou a jamais deixar a criança se aproximar do córrego, nem mesmo para tomar banho. A mulher passou a cumprir à risca o conselho da cartomante, não deixando o filho



brincar com outras crianças que tinham o costume de banhar-se no córrego, ou mesmo ficar sozinho em casa.

O terceiro ano chegou e já estava findando quando Jerônimo, este era seu nome, fez aniversário. Dos Anjos já estava quase esquecida da promessa e aceitou prontamente quando alguns vizinhos se reuniram e fizeram uma festinha para seu filho. Ocorreu que durante a comemoração, Dos Anjos descuidou-se e Jerônimo juntou-se a outras crianças, indo brincar a beira do córrego. Logo os garotos voltaram assustados, contando que ele havia tirado a roupa e mergulhado nas águas do córrego, de onde não retornou.

Muitos dos presentes atribuíram a tragédia ao fato de a criança não saber nadar, mas Dos Anjos, chorando copiosamente, sabia que a mãe d'água tinha reclamado sua criança. Tanto que o corpo de Jerônimo jamais foi encontrado. O amor que unia mãe e filho persistiu a ponto de criança tentar se libertar todas as noites, sem conseguir. Este é o choro que se ouve à noite, no córrego. É o lamento de Jerônimo, com saudade da mãe.

Quando Dos Anjos terminou seu relato, eu estava visivelmente emocionado e prometi novamente que nada sairia nos jornais. Dos Anjos morreu, vítima de afogamento, no final de 88, no mesmo córrego onde desapareceu seu filho. Acredito que tentava retirá-lo das mãos da mãe d'água. Dos Anjos, perdoe-me se hoje quebro a promessa e publico sua história.

*O caçador José Matias sabia por antecipação que era impossível errar o alvo. Ao avistar novamente o animal, que se afastara um pouco, notou que este o mirava fixamente. Seria imaginação sua ou os olhos do bicho eram vermelhos de sangue?*

## **O CORDEIRO IMOLADO**

Durante a Semana Santa é proibido para os cristãos alimentarem-se de carne. A tradição diz respeito ao sofrimento, morte e ressurreição de Jesus Cristo, o Cordeiro Imolado. Aquele que se alimenta de carne neste dia é considerado pecador, pois em dia santo Pôncio Pilatos “lavou as mãos”, entregando Cristo aos seus algozes, que feriram o mundo, derramando sangue divino.

Outras religiões, no entanto, são descrentes quanto a esse fato. Exemplos de pessoas que transgrediram a tradição existem, assim como muitos acreditam que a punição para os transgressores seja obra divina. Entre esses exemplos conta-se a história do homem que manchou as mãos de sangue na Sexta-feira Santa.

A história é contada na localidade de Ponta Grossa, próximo à Vila do Corre Água, interior do Amapá. O que se fala é o seguinte: existia naquele lugar um comerciante abastado, que nos finais de semana deixava o balcão para praticar o único esporte que lhe dava prazer: caçar. José Matias, o comerciante, não perdia oportunidade de reunir os amigos e, nas sextas-feiras, impreterivelmente, dirigia-se ao matão com sua espingarda, uma garrafa de pinga e o desejo de sangue.

Não eram raras as vezes que chegava em casa trazendo um veado, um porco do mato, uma capivara ou uma cotia. Também era conhecida sua fama de perverso. José Matias não caçava para se alimentar. Atirava indiscriminadamente em qualquer animal

que cruzasse sua trilha, fosse ele uma onça pintada ou um inofensivo passarinho. Matava pelo prazer de matar. Geralmente José Matias só levava para casa os animais de grande porte. O restante deixava ali mesmo, no matão.

Mas aquela era a Semana Santa. Talvez por esquecimento ou arte do destino, José Matias aprontou seus apetrechos de caça e procurou os amigos, que não quiseram acompanhá-lo, aconselhando-o a não derramar sangue naquela sexta-feira, que explicaram ser o dia do Cordeiro Imolado. “Superstição!”, argumentou. Sem mais delongas, José Matias esperou o anoitecer e seguiu pelo matão, indo pela trilha usada dias atrás, onde tinha visto pegadas que pareciam ser de um porco-do-mato. Mais adiante, focando com a lanterna, viu que estava certo. José Matias saboreou o momento em que teria o animal na mira de sua arma, bastando apenas apertar o gatilho para apanhar seu primeiro troféu de caça. Em poucos momentos divisou o animal e atirou. Inexplicavelmente não viu sangue jorrando do corpo do porco.

O caçador José Matias sabia por antecipação que era impossível errar o alvo. Ao avistar novamente o animal, que se afastara um pouco, não demonstrando qualquer medo, notou que este o mirava fixamente. Era estranho, mas os olhos vermelhos do porco-do-mato tinham a tonalidade do sangue de suas caças.

José Matias mirou e atirou novamente. Estaria enlouquecendo ou teria errado outra vez? E por que aquele animal o olhava tão fixamente? E por que seus olhos eram cor-de-sangue? Teve medo. O destemido caçador estava tremendo diante de sua presa. Seriam mistérios da noite ou os olhos do animal cresciam? O vermelho-sangue foi tomando conta de sua visão e José Matias tentou correr. Por que suas pernas não obedeciam? O animal se aproximava. Seu rosto transmutava-se no rosto de centenas de outros bichos, vítimas da insanidade assassina de José Matias. Foi então que o caçador descobriu seu erro. O matador, aquele que não poupava ninguém, estava a mercê de sua presa.



Naquela noite, no meio da floresta, ouviu-se um grito tão terrível, tão insano, que fez com que os moradores de Ponta Grossa olhassem para o matão, com a certeza de que um castigo tinha sido executado.

Na manhã seguinte o corpo do caçador foi encontrado. Estava dilacerado de tal maneira que era como se dezenas de animais, das mais variadas espécies, o tivessem atacado. Seus olhos, no entanto, continuavam intactos e incrivelmente abertos, como se o mais terrível dos horrores fosse por eles presenciado.

José Matias, o caçador, tinha ido à floresta em busca de sangue. Mas naquela noite o predador transformou-se em cordeiro.

E o cordeiro foi imolado.

*Quando as águas sobem e alcançam as sandálias de São José, a boiúna materializa-se na “Pedra do Guindaste” para beber água. Por dois meses, março e abril, ela hiberna, saindo somente nas mudanças de lua. Por isso as águas atingiam o centro da cidade.*

## **A PEDRA DO GUINDASTE**

Quando Macapá era pouco mais que uma vila e suas matas virgens, foi que a mãe d’água sentiu a prenhez em suas entranhas. Iara sabia que a vida em seu ventre seria colocada no mundo para cumprir um destino, mas estava preocupada. Os deuses dos rios e dos igarapés permaneciam mudos, sem lhe dar qualquer luz, qualquer aviso sobre o destino que teria a menina. Depois de muito esperar, Iara terminou acreditando que os deuses queriam apenas lhe dar uma filha, como agradecimento pelos muitos séculos que cuidava dos rios.

E foi assim que todas as noites, embalada pelos cantos dos pássaros, a mãe d’água passou a tecer com as mais finas algas e enfeitar de estrelas marinhas as indumentárias onde seria colocada sua primogênita. Iara ficou tão envolvida em seu amor materno, nos preparativos para receber a filha, que se descuidou de seus domínios. Foi nesse tempo que Boicorá, invejosa com a felicidade de Iara, fez subir as águas do Rio Amazonas, inundando várias cidades, entre elas a Vila de São José de Macapá. E foram tantos os lamentos da população, tantos os pedidos de clemência, que Tupã desceu de seu trono eterno para cobrar de Iara uma solução para o desastre.

Por mais que tentassem, nem Tupã nem Iara conseguiram desfazer o feitiço lançado por Boicorá. E foi então que a mãe d’água entendeu e uma imensa tristeza se apossou de sua alma. À noite,



quando o urutau desfiava melodias tristes, Iara teve seu rebento e nem mesmo quis olhar uma única vez para a criança. Com pesar, transformou a filha em uma imensa cobra, que desceu o Rio Amazonas, passando a beber grande quantidade de água, forçando a baixa da maré. A cobra continuou seu trajeto até uma pedra, localizada em frente à Vila de Macapá, onde permanece por encanto da mãe.

Anos depois, levado pela religiosidade, o escultor português Antônio Ferreira da Costa colocou, no topo da pedra, uma imagem de São José, padroeiro local. Contam as lendas que quando as águas sobem e alcançam as sandálias de São José, a boiúna materializa-se na pedra para beber água. Por dois meses, março e abril, ela hiberna, saindo somente nas mudanças de lua. Por isso as águas atingiam o centro da cidade. Hoje isso não ocorre devido ao cais construído.

Os mais antigos dizem ainda que, se por um acaso algum governante tiver a infelicidade de mandar tirar a pedra do rio, as águas do Rio Amazonas subirão tanto, que toda a cidade irá para o fundo.

Há muitos anos um navio chocou-se contra a pedra, mudando-a de lugar. Por credence ou não, o governador da época prontamente ordenou que com o uso de um guindaste ela fosse recolocada em seu lugar original. Daí o nome “Pedra do Guindaste”.

*O Rio Mutuacá vai secar de tal maneira, que uma galinha  
poderá atravessar andando em seu leito.*

## ***A MORTE DE MAZAGÃO: MALDIÇÃO SACERDOTAL***

No tempo em que era próspera vila e o Rio Mutuacá, como afluente do Rio Amazonas era constantemente singrado por embarcações, Mazagão sorria a tranquilidade do desenvolvimento, sem fome e sem pobreza. Sua população vivia não só do comércio, mas também da produção de alimentos e criação de animais. A pecuária estava se fortificando cada vez mais e toda a produção era comprada por comerciantes que chegavam em navios, deixando em troca tabaco, café e tudo o mais que fosse necessário.

Como uma vila muito rica, Mazagão não esqueceu a religiosidade. Sua igreja tencionava causar inveja à Portugal pela beleza e ornamentação. Para isso foi trazido daquele país um padre para ocupar o lugar de então pároco, que há mais de 20 anos havia falecido na vila. O padre, profundo conhecedor da religiosidade portuguesa, convenceu os mazaganenses que seus santos deveriam ser de barro, mas com cabelos naturais, utilizando-se as sobras do barbeiro. Ficou decidido ainda que os olhos dos santos, principalmente os do padroeiro, São Tiago, seriam de diamantes, transmitindo assim toda a riqueza, toda a prosperidade do lugar.

Foi nesse espírito de grandeza que receberam o padre, um homem gordo das riquezas portuguesas, bonachão e muito falante, que para demonstrar simpatia chamou para sacristão um negro da própria vila, que lhe ajudava nos afazeres diários, fosse acendendo uma vela, limpando o cálice bento ou servindo a hóstia sagrada aos frequentadores da igreja. Em pouco tempo o padre juntou uma boa fortuna, seguindo pelo Rio Mutuacá até o Pará, e retornando dali com dezenas de brilhantes em forma de olhos.



Mais alguns dias e já se podia vislumbrar a beleza dos santos, principalmente quando a luz da lua refletia nas pedras, derramando salpicos luminosos por toda a capela.

Na inauguração a festa foi grande. Durante toda a noite o arraial teve batuque, dança e muita bebida. Quando o dia vinha amanhecendo o sacristão, curioso, foi olhar bem de perto os santos, e não resistindo ao fulgor da joia em um dos olhos de São Tiago, quis tocá-la. Mal colocada, a joia caiu, despedaçando-se. Descobriu-se então que passava de vidro muito bem trabalhado.

O padre foi preso e condenado à morte pelos moradores irados. Quando estava na iminência de balançar o cadafalso, o sacerdote limpou suas sandálias no chão e amaldiçoou o povoado, profetizando que em alguns anos o Rio Mutuacá ficaria tão seco que seria possível uma galinha atravessar andando em seu leito. Morto o padre desonesto, o Rio também começou a morrer. Seu leito foi se estreitando de tal maneira que até mesmo as pequenas embarcações tinham dificuldade em navegar. Em pouco tempo morreu também o comércio local e muitos moradores mudaram-se em busca de melhores condições de vida, formando a Vila do Mazagão Novo.

O Rio? continua secando e hoje não é mais que um córrego facilmente atravessado por animais de pequeno porte.

*O boi viu o reflexo da lua nas águas e mergulhou para buscá-la, pensando se tratar de um tesouro.*

## **O PEIXE-BOI**

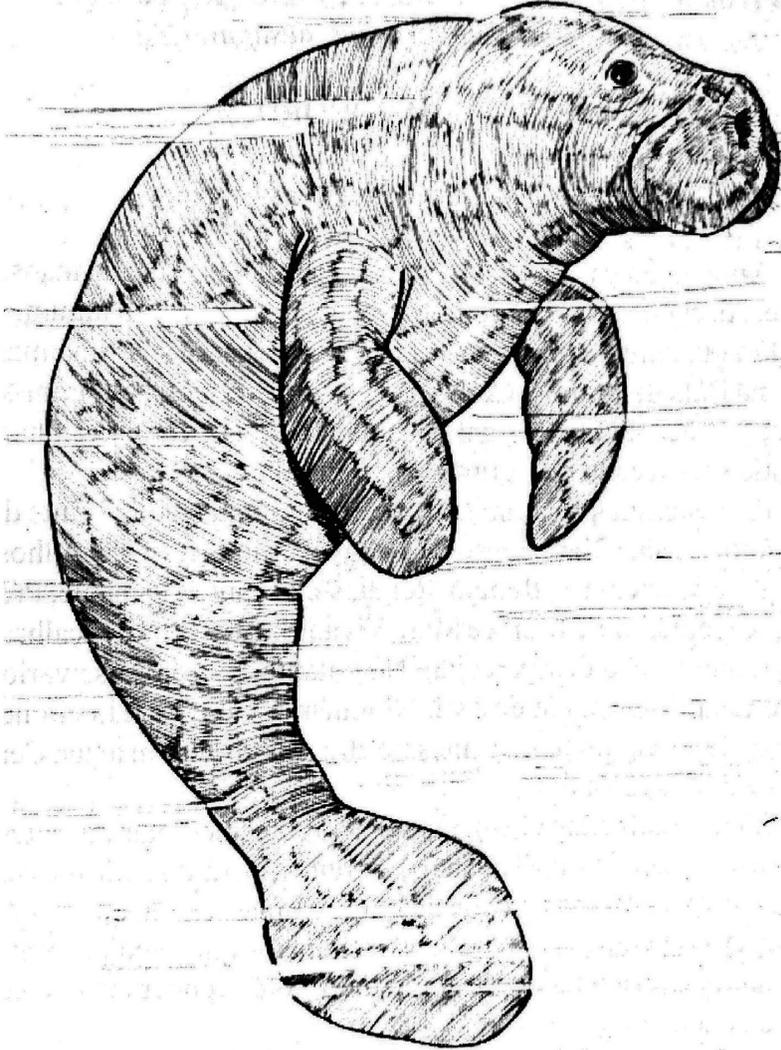
Dizem que há muito tempo, muito antes da Mãe das Águas comandar os rios, os animais brigavam pelo domínio da terra. A coruja proclamava sua inteligência; o leão, sua majestade; o rinoceronte, sua força; o elefante, sua memória; o sabiá, seus dons de cantar; a cobra, seu veneno mortal; o macaco, sua agilidade de locomoção.

O boi... bem, o boi, por mais que tentasse, não encontrava atributos para pleitear cargo de tamanha importância.

Era desengonçado e lerdo. Seu mugido em nada assemelhava-se ao canto do sabiá e em força não se equiparava ao rinoceronte. Também não tinha a memória privilegiada do elefante e seria um insulto achar-se mais sábio que a coruja.

Certo dia, quando se encontrava à beira de um igarapé, o boi viu o reflexo da lua na água e imaginou que fosse um tesouro. Sem pensar duas vezes, o boi mergulhou para buscá-lo e assim tornou-se rei por sua riqueza. Tupã, compadecido de tamanha inocência, o transformou em um peixe, preservando também algumas características bovinas.

Assim nasceu o peixe-boi, exemplar magnífico dos rios de água doce e único da sua espécie.



*A Mãe D'água resolveu convocar todos os seus filhos: Repiquete, Correnteza, Rebujo, Remanso, Vazante, Enchente, Preamar, Repona, Maré Morta e Maré Viva, para que encalhassem a embarcação desaparecida.*

## **A LENDA DA POROROCA**

Antigamente a água do rio era amena, calma, e corria mansamente. As canoas à vela e remo navegavam sem perigo algum. A Mãe D'água, mulher do boto Tucuxi, morava com sua filha mais velha na Baía do Marajó. Certa noite, na hora da janta, ouviram-se gritos; os cães latiram, as galinhas e galos cocoricaram. Tinham roubado Jaci, a canoa de estimação da família.

Remexeram, procuraram e não encontraram nada. Diante do resultado, a Mãe D'água resolveu convocar todos os seus filhos: Repiquete, Correnteza, Rebujo, Remanso, Vazante, Enchente, Preamar, Repona, Maré Morta e Maré Viva. Ela queria que encalhassem a embarcação desaparecida. No entanto, passaram vários anos e nenhuma notícia de Jaci. Ninguém a viu entrando em nenhum igarapé, algum furo, ou mesmo atracada em algum lugar. Certamente estava escondida.

Então resolveram chamar também os parentes mais distantes: os lagos, lagoas, igarapés, canais, estreitos, para discutir o caso, ficando provada a necessidade de se criar umas três ou quatro ondas fortes que entrassem em todos os buracos que encontrassem, quebrando, encalhando, destruindo tudo. Assim poderiam encontrar Jaci e o ladrão.

Ficou determinado que a caçula da Mãe D'água, Maré da Lua, moça danada, namorada e briguenta, avisasse qualquer coisa de anormal que acontecesse.

De repente, pela primeira vez, surge em alguns lugares o fenômeno, empurrando madeira, invadindo rios, naufragando barcos, repartindo ilhas, ameaçando palhoças, derrubando árvores, abrindo furos e amedrontando pescadores.

E até hoje, sempre que a Maré da Lua vai ver a família é um “Deus-nos-acuda”: ninguém sabe de Jaci e a cunhatã segue em frente, destruindo quem não ousa sair da frente, cumprindo ordens do Boto Tucuxi, que resmungando danado da vida diz: “Pois então continuem arrastando tudo”. E assim a pororoca continua.



*Um dia a Cobra Grande chorou tanto, mas tanto mesmo,  
que as águas formaram o Rio Oiapoque.*

## **A LENDA DO RIO OIAPOQUE**

Os índios mais antigos costumam contar para seus filhos e netos uma lenda que aprenderam com seus antepassados. Trata-se do Oiapoque. A lenda é a seguinte:

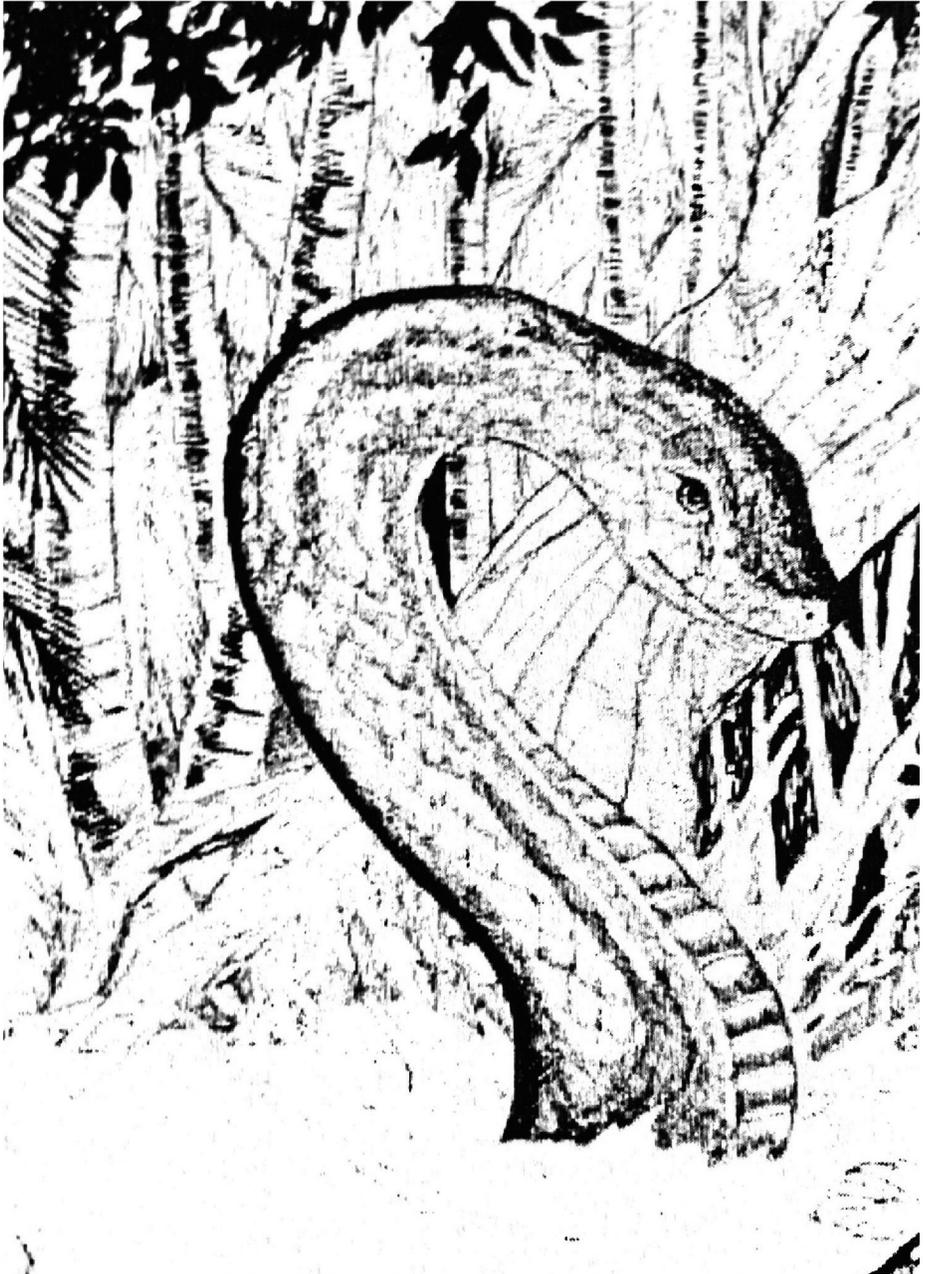
Há muitos e muitos anos, em uma aldeia, o povo passava fome, porque a caça já estava escasseando e as árvores morriam por falta de chuva. Crianças adoeciam e os mais velhos, alquebrados pelas dificuldades, começavam a morrer.

Certo dia uma índia grávida chamada Adejaci, vendo que seu curumim certamente morreria de fome se nascesse em meio àquela miséria, resolveu fugir da aldeia e procurar um lugar melhor para que pudesse ter sua cria.

Dias depois, longe de tudo, a indiazinha sentiu saudades do seu povo e começou a chorar, pedindo a Tupã que a transformasse em uma cobra muito grande, para que pudesse andar pelas matas à procura de algum local onde pudesse ser construída a aldeia. Tupã, compadecido pelo ato de coragem, fez o que foi pedido.

E foi assim que por meses aquela imensa cobra vagou em busca de um lugar onde houvesse comida e água em abundância. Ela era tão imensa, que por onde passava deixava grandes sucos na terra.

Um dia a índia, transformada em cobra, encontrou um vale muito bonito, com muita água e frutas, e caça em abundância, voltando para avisar seus irmãos de tribo sobre o ocorrido. Era tanta sua felicidade, que se esqueceu de pedir a Tupã que desfizesse o encanto.



Bem próxima à aldeia, Adejaci sentiu as dores do parto e teve sua cria ali mesmo, no matão. Os índios, vendo aquilo, mataram a criança, imaginando que fosse bruxaria. Adejaci ficou furiosa, mas não quis atacar seus irmãos de tribo. Sentida com a morte da filha, começou a chorar. E era um pranto tão sentido, tão violento, que as lágrimas, em cascata, preencheram os sulcos deixados por ela, transformando-os em um rio.

Adejaci não quis mais voltar a ser gente. Mergulhou nas águas e adormeceu no fundo do rio. Os índios garantem que nas noites de lua cheia, nas águas se formam grandes rebujos. É Adejaci, transformada em cobra, suspirando pela falta da filha.

E quando ela chora, as águas voltam a subir de tal maneira, que alagam ilhas próximas. Por isso o lugar é chamado de Oiapoque, que na etimologia indígena significa “Rio da Cobra Grande”.

*“E o tronco navegava contra a correnteza, levando incertezas, levando incertezas”. (Cantiga popular calçoenense)*

## **A LENDA DO TARUMÃ**

Dizem que há muitos anos, às margens do Rio Calçoene, havia uma pequena aldeia indígena. Era ali que vivia Ubiraci, curumim conhecedor da fauna e da flora. Desde que nasceu, Ubiraci foi abençoado por Tupã com o dom de falar com todos os animais, fossem eles da água, da terra ou do ar, e com todas as árvores, desde a mais pequenas até as que cortavam as nuvens e iam fazer sombra no reino de Tupã.

Ubiraci conversava com os bichos e com as árvores, contava-lhes histórias e sabia de tudo o que acontecia no mundo. E foi assim que cresceu em plena harmonia com os elementos, filho da água, da terra e do ar que era.

Um dia Ubiraci caminhava pela floresta quando descobriu a mais linda indiazinha que seus olhos já tinham visto. Seus cabelos pareciam com as quedas d'água que despontavam das pedras onde por tantas vezes sentou-se por horas, a escutar os pássaros. Seus olhos assemelhavam-se ao anil do céu. Seu rosto jovem lembrava brotos nascendo da terra, ainda indomados. Suas mãos, mágicas, se tocavam o solo, desabrochavam sementes. Se voltadas para o ar, controlavam as chuvas, os ventos e as tempestades. Se apontavam os rios, domavam as marés, as pororocas e maresias. Ubiraci, sem saber, havia se apaixonado pela Natureza.

Apaixonado, o índio passou a procurar sua amada em toda parte. Com ajuda dos pássaros, subiu na nuvem mais alta, na esperança de vê-la entre os abençoados de Tupã. Vasculhou cada recanto da floresta e acompanhou os peixes na imensidão dos rios,

mas nunca voltou a rever sua alma gêmea. Acompanhou a Pororoca, por entre troncos e barrancos, mas não voltou a vê-la. No entanto podia senti-la no canto dos pássaros, na brisa da manhã, na calidez da noite e no sussurro sereno das maresias.

Era tanta a paixão que sentia, que Ubiraci esqueceu de conversar com as árvores, com animais e com os filhos das águas. O dom que recebeu de Tupã foi perdido para sempre. Ubiraci só se importava em procurar pela amada, que julgava estar perdida em algum lugar do mundo. Ele não entendia que a Natureza estava em todo lugar.

Uma noite, quando o mundo dormia, quando os cantos dos pássaros haviam cessados e não se ouvia murmúrio algum no seio da floresta, Ubiraci avistou a lua refletida na água. Imaginou que era naquele mundo que sua amada vivia. Foi tanta sua felicidade, que se esqueceu de ter perdido seu dom. Mergulhou no rio, mas quanto mais lutava contra a correnteza, mais parecia que a Lua se afastava dele. Foi tanto o esforço que fez, que as forças o abandonaram e Ubiraci sucumbiu à morte. Tupã, compadecido com tanto amor, pediu à Natureza que transformasse Ubiraci em uma árvore, no meio do rio, para que fosse lembrado para sempre.

À noite, no entanto, quando a maré subia, a árvore estranhamente desprendia suas raízes do solo e navegava contra a correnteza. Imaginando tratar-se de magia, seus irmãos índios cortaram a árvore, deixando apenas o tronco, mas mesmo assim o mistério continuou e eles, amedrontados, deixaram o local, com medo do “tarumã”, que na etimologia indígena significa “o tronco que se move”.

Os anos se passaram, Calçoene transformou-se em cidade, mas muitas pessoas juram que ainda nos dias de hoje o tronco se move, contra a correnteza, subindo o rio. Dizem que quando algum morador depara-se com um amor impossível, faz promessa ao “Tarumã”, deixando sobre ele algum presente ou oferenda. Se o tronco navegar rio acima e retornar vazio, o pedido será realizado.

## *MEU MUITO OBRIGADO*

À minha primeira professora, Raimunda Pontes, que ajudou-me nas horas de dificuldade. A ela todo o carinho e reconhecimento.

À minha mãe, Marlene Dias, meus irmãos Maria de Fátima, Eli, Elivaldo, Elizeu e Eliene; e filhos Josiel Marques, Manoel Domingos Dias, Françoise Dias e seu esposo Josiel Marques. Forças presentes em minha vida e pelas quais agradeço a Deus.

Aos meus netos Ingrid, Yasmim, Ruan Patrick, Maria Eduarda, Maria Vitória e Pietro, renovação de amor e carinho.

A meu pai, Manoel da Silva Dias, o “Amor”, exemplo de virtude, honestidade e sabedoria.

À professora Angela Nunes, essa pessoa especial, minha querida companheira, fonte de carinho intenso e amor inesgotável. Também pelo acompanhamento de todo o trabalho que resultou na 3ª Edição desta obra.



## *AGRADECIMENTOS DA 4ª EDIÇÃO*

Eu, ANGELA NUNES em nome de JOSELI DIAS, agradeço com Muitíssimo Obrigada a todas as pessoas que colaboraram para que esta 4ª Edição acontecesse:

- RUAN PATRICK DIAS SOUSA, neto de Joseli Dias, meu auxiliar incansável, digitando e me acompanhando em todos os momentos. Uma bênção de Deus em minha vida.

- MICHELLE BARRETO COSTA, pela disponibilidade, carinho e atenção no trato com o livro.

- MELISSA NUNES DE ALMEIDA, minha filha, incansável e grande defensora deste projeto.

- Advogada KENNYA ABRAÃO MONASSA DE ALMEIDA, anjo protetor, cuja busca incansável por um exemplar de Mitos e Lendas do Amapá, gerou a realização desta 4ª Edição.

- Equipe da OAB, totalmente envolvida com a cultura e que abraçou a edição deste livro como uma grande causa:

- Dra. GÉSICA BRITO
- Dra. MICHELLE BRAZ
- Dr. JOSÉ SOUSA (filho do SACACA)
- Equipe do senador Randolfe Rodrigues:
- LUCAS ABRAHÃO DE ALMEIDA
- CHARLES ACHCAR CHELALA
- SENADOR RANDOLFE RODRIGUES



## *JOSELI DIAS: jornalista, poeta, escritor*

O jornalista, poeta e escritor Joseli Pereira Dias nasceu em 24 de março de 1966, em Macapá. Em setembro de 84, ingressou como repórter no *Jornal do Amapá*, sucursal de *A Província do Pará*, onde permaneceu até setembro de 89. Filiou-se ao Movimento Artístico Popular (Moap), onde exerceu a função de assessor de imprensa, de janeiro de 85 a janeiro de 86. Em setembro daquele ano, foi para o jornal *O Combate*, como editor de polícia.

Em 87, participou e venceu concursos de poesia em Macapá e no Pará, sendo também empossado como segundo secretário do Moap. Ingressou no *Jornal do Dia* como editor de polícia e passou a colaborar nos semanários *Jornal Ouro* e *Jornal Tropical*. Em março de 88 foi agraciado com a medalha de Honra ao Mérito, pelo Moap, como um dos poetas que mais se destacaram no ano anterior.

Participando de jornais, onde atuou como repórter e redator de várias áreas, Joseli Dias foi também editor do *Jornal Gazeta*. Em maio de 1993 passou a exercer a função de redator-chefe do jornal *Amapá Estado*, assinando semanalmente a página Culturarte. Joseli Dias foi ainda redator de jornalismo da TV Canal Norte, editor geral dos jornais *Diário Zerão*, *Diário Marco Zero* e da revista *Zona Franca*. Além de redator da revista *Enfoque Amazônico*. Atuou como repórter dos jornais *Diário do Amapá* e *Jornal da Cidade*. Foi redator-chefe no *Jornal dos Municípios*.

Envolvido com movimentos culturais, em 1988 foi agraciado com a medalha de honra ao Mérito pelo Moap. Estreou na literatura em 1987, com *Vitrais (Poesias)* e no ano seguinte lançou *Mitos e Lendas do Amapá*. O livro lhe valeu dois votos de Louvor da Câmara Municipal de Macapá. Em 1989 venceu o II Festival Amapaense de Poesias, promovido pelo Sindicato dos Escritores do Amapá, com

o poema *Mulher da Rua*. Com Gilvam Borges e Angela Nunes, escreveu a novela *Mãe do Rio*, primeira teledramaturgia do Norte do país. Em novembro de 2009 recebeu o diploma Destaque Cultural Popular do Conselho Estadual de Cultura do Amapá. Participou da composição artística na Coletânea Amapaense Língua Portuguesa do Programa de Aprendizagem do Amapá (PAAP), na qual teve 5 textos selecionados.

Joseli Dias, um nome que será sempre lembrado. Contador de histórias, sabia conduzir uma boa conversa como ninguém. Todos que o conheceram sabem disso. Riso fácil, amigo em todas as horas. Por onde passava era certo cumprimento alegre seguido de sorrisos e abraços.

Dono de uma prosa única, alegrou a muitos. Pessoas de todas as idades reconhecem nele um grande escritor, um homem de muito valor.

Joseli Dias era um homem bom, amigo de crianças, gentil com os idosos, sempre disposto a ajudar. Pessoa envolvente e cativante, era amoroso e terno.

Amante da natureza, passava, no último ano, horas em contato direto com as plantas, ao ar livre – livre como um passarinho –, feliz! Com sua criação de peixes ele se descobriu muito eficiente e trabalhava de sol a sol, com diversão. Fez dessa atividade sua paixão.

Conviver com Joseli Dias era muito fácil e gostoso, sempre surpreendia pela bondade e alegria. Para ele todos deviam sorrir e tentar ser o mais feliz possível. Sua marca era a esperança em dias melhores.

Sua lembrança linda, seus poemas, seus contos serão sempre um consolo para os que o amam e pedem a Deus que lhe reserve um lugar especial em seu novo lar, cheio de flores, animais e peixes – muitos peixes –, onde ele será feliz para sempre.

A importância dele como escritor de *Mitos e Lendas do Amapá* é inegável. É a obra mais lida no estado do Amapá e tem proporcionado a seus inúmeros leitores, especialmente crianças e jovens, um conhecimento sobre o mundo imaginário. Nossas len-

das e tradições contidas neste livro são produto de uma extensa pesquisa do autor.

Sendo jornalista, Joseli Dias deixou sua marca como excelente repórter, editor e contador de causos.

Em seu livro de poemas *Girassol* – Inédito, Joseli Dias manifesta o desejo de ter seu nome em uma rua, no poema *Homenagem* transcrito abaixo:

### HOMENAGEM

Quando eu morrer Quero ser lembrado Como nome de rua  
E lá na periferia Uma plaqueta  
Me manterá entre os amigos  
Rua Joseli Dias  
Onde os dias Escondem versos E as noites Reacendem amores  
E as casas...  
As casas não de cochichar Reprendendo casais  
Em gestos mais ousados

Joseli Dias deixou 3 filhos: Josiel, Françoise e Domingos. E 7 netos. Era casado com a professora Angela Nunes.

Esta é uma homenagem merecida a essa pessoa tão especial que foi Joseli Dias.

Secretaria de Editoração  
e Publicações





Baixe gratuitamente  
este livro em seu celular

Encontre este livro gratuitamente em formato  
digital acessando: [livraria.senado.leg.br](http://livraria.senado.leg.br)

